



Relatório Anual 2019

GREENPEACE

Sumário

Mensagem do
Diretor Executivo 3

O que fizemos em 2019:
nossas campanhas e ações >

#IssoÉAtivismo 60

Mobilização online 68

Greenpeace na mídia 70

Prestando contas 73

Organizacional 75

Governança 78

	#SemFlorestaSemVida	5
	#TodosPelaAmazônia	7
	#GuardiõesDaFloresta	15
	#ProtejaOCerrado	23
	#SOSBrumadinho	28
	#DefendaOsCorais	34
	#ChegaDeAgrotóxicos	39
	#GreveGlobalPeloClima	43
	#ÓleoNoNordeste	47
	#NossoPartidoÉAFloresta	52
	#DiaDeDoar	58



Mensagem do Diretor Executivo

À sombra das gigantes da floresta, resistimos na defesa do meio ambiente.

A luta do Greenpeace Brasil é pacífica e construtiva, em favor da vida no planeta. É com esse espírito que estamos enfrentando muitos ataques contra a nossa riqueza ambiental, que visam destruir as leis e mecanismos que a protegem.

O ano de 2019 já começou com uma tragédia: Brumadinho, uma repetição do desastre de Mariana, causado pela irresponsabilidade da mesma empresa, a Vale, com a silenciosa conivência do governo. E, mais uma vez, a lama levou centenas de vidas. Os meses foram passando e os ataques se sucedendo: enfraquecimento da legislação ambiental, corte de verba para a fiscalização, ocupação da estrutura de governo ligada ao meio ambiente por representantes do agronegócio e outras manobras. Sem surpresa, seguiram-se queimadas, invasões de terras, agressões a comunidades indígenas e um aumento assustador do desmatamento. Tudo sem controle.

O cenário do meio ambiente brasileiro no ano passado foi manchado também pelo óleo. E foi uma mancha gigantesca: simplesmente o maior



acidente ambiental de que se tem notícia em nosso litoral. Suas consequências atingiram milhares de espécies marinhas e importantes biomas litorâneos, inclusive os manguezais, que são os berçários de incontáveis tipos de peixes, crustáceos, moluscos e outros animais. Além disso, uma outra espécie foi grandemente afetada: a humana. Milhares de famílias que vivem da pesca e da coleta dessas espécies, de um dia para o outro perderam seu ganha-pão. Um custo social incalculável.

Mas nós somos o Greenpeace Brasil. Nos inspiramos na resistência das árvores gigantes da Amazônia para persistir e realizar. E realizamos muito em 2019.

Respondemos prontamente à tragédia de Brumadinho, seja denunciando os responsáveis, seja formando uma rede de solidariedade para ajudar as vítimas. Acompanhamos a expedição Polo a Polo, e a bordo do navio *Esperanza* protegemos os Corais da Amazônia. Denunciamos na mídia e mobilizamos a sociedade contra a

liberação indiscriminada de agrotóxicos que envenenam a nossa comida. Mostramos o avanço do garimpo ilegal sobre a Terra Indígena Munduruku. E ajudamos a articular a *Greve Global pelo Clima*, em São Paulo.

Como não podia deixar de ser, também participamos ativamente da limpeza de praias do Nordeste atingidas pelo vazamento de óleo. Cabe destacar a incrível colaboração da nossa rede de voluntários nessas iniciativas.

A Amazônia é um capítulo à parte. Defendemos com todas as forças o maior patrimônio ambiental brasileiro, a casa de milhões de espécies e dos povos indígenas que são os Guardiões da Floresta. Por isso, denunciemos intensamente o absurdo aumento das queimadas e outras agressões à floresta, que aconteceram principalmente entre agosto e setembro, tanto no Brasil quanto internacionalmente. Os escritórios europeus do Greenpeace fizeram vários protestos durante o tour do ministro do meio ambiente, que tentava

minimizar os efeitos das queimadas e do desmatamento na Amazônia junto aos governos da região. E vamos continuar mostrando que manter a floresta em pé traz inúmeros benefícios para todos, enquanto deixar que a derrubem só serve para o lucro de alguns.

O ano de 2019 nos deixou orgulhosos pelo que fizemos, mas não satisfeitos. Ainda há muito a se fazer. Não vamos nos enganar, os tempos à frente são de luta. Muita, muita luta. Mas nós somos o Greenpeace Brasil. À sombra das gigantes da floresta, nas praias e oceanos, sob o sol do Cerrado, nas ruas das cidades, continuaremos defendendo a natureza contra aqueles que a destroem. E, mais do que nunca, contamos com você.



Asensio Rodriguez

Diretor Executivo do Greenpeace Brasil



#SemFlorestaSemVida

Em 2019, a destruição de nossas florestas atingiu uma extensão tão grande que gerou intensa indignação e preocupação mundial.

Apenas na Amazônia Legal Brasileira – um dos maiores estoques de carbono do planeta, essencial para manter o equilíbrio climático da Terra – foram perdidos 9.762 km² entre agosto de 2018 e julho de 2019, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Esse valor representa um aumento de 29,54% em relação ao ano anterior. Outros biomas como Cerrado, Pantanal, Caatinga e Mata Atlântica também sofreram, por vários motivos: pelo fogo descontrolado, pelo desmatamento causado pelo avanço do agronegócio e da grilagem e também pelo discurso do governo de incentivo à destruição, acompanhado do enfraquecimento da fiscalização ambiental.

O Greenpeace Brasil atuou intensamente para denunciar, no país e internacionalmente, tanto os crimes ligados ao desmatamento, quanto a omissão do Estado em combatê-los. Por isso, sofremos duros ataques de *fake news*. Acompanhe a seguir nossas principais ações na defesa da floresta contra o aço, o fogo e a ganância humana.



Sobrevo de denúncia

Em setembro de 2019, o Greenpeace Brasil realizou um sobrevo na Terra Indígena Munduruku para expor e denunciar o garimpo ilegal que assola a região. Há muitos anos as lideranças do povo pedem a ajuda das autoridades competentes para impedir o avanço do garimpo, mas pouco tem sido feito e o garimpo continua se espalhando e contaminando os rios que são vitais para a população. A equipe de pesquisa do Greenpeace Brasil analisou os alertas de desmatamento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e mostrou que, em dois anos, a destruição da floresta na Terra Indígena Munduruku aumentou quase 6 vezes. O sobrevo e a análise do Greenpeace Brasil foram veiculados no Jornal Nacional do dia 21 de setembro de 2019, com a participação do cacique-geral do povo Munduruku, Arnaldo Kaba, que também denunciou a difícil situação de seu povo.

A atual proposta do governo federal de liberação das terras indígenas para a exploração econômica pode piorar ainda mais esse cenário de destruição. O Greenpeace vai continuar cobrando das autoridades que elas sejam eficazes na proteção das florestas brasileiras e cumpram seu dever constitucional de respeitar os direitos indígenas.



#TodosPelaAmazônia

Fogo criminoso na floresta

Em 2019, vimos a escalada das queimadas na Amazônia, provocadas deliberadamente por fazendeiros e grileiros de terras para ampliar o desmatamento e limpar áreas degradadas previamente. A fumaça dos incêndios chegou a escurecer o céu de São Paulo, e provocou dezenas de internações hospitalares em decorrência de problemas respiratórios. Segundo o INPE, foram registrados 89.178 focos de fogo no bioma – cerca de 30% a mais que em 2018.

Por outro lado, vimos uma reação mundial de indignação e protesto contra essa destruição. O Greenpeace fez parte desse movimento e ajudou a promovê-lo. Ocupamos muitos espaços da mídia nacional e internacional, colocando grande pressão sobre o governo brasileiro na sua responsabilização como o agente capaz de combater os crimes na floresta.

#TodosPelaAmazônia

"Fazer grandes imagens dentro de um avião turbulento é difícil. Nesse dia em especial tinha grande quantidade de fogo e fumaça, o que dificultava muito a visão. Tínhamos que achar alguns furos no meio da cortina de fumaça para poder ter um ângulo limpo. Mas fiquei muito contente com a rápida resposta ao fogo, porque em situações de urgência nós temos que reagir rapidamente. Além da foto ser compartilhada pelo ator Leonardo DiCaprio, pude ficar mais dois meses na Amazônia cobrindo a temporada de queimadas para o jornal The New York Times. Foi o trabalho mais importante da minha vida", diz o fotógrafo
Victor Moriyama.





Flagrantes por terra e pelo ar

Sem poder de polícia para coibir diretamente os criminosos, nos dedicamos a um intenso trabalho de monitoramento e denúncia das queimadas. Entre os dias 23 e 25 de agosto, percorremos 3.600 km nas proximidades da BR-163, em municípios do norte do Estado do Mato Grosso e na porção norte de Rondônia para registrar e entender a dinâmica do fogo nessas regiões específicas.

Na sequência, ampliamos o nosso monitoramento com sobrevoos e imagens de satélite. De 19 a 23 de setembro, realizamos uma série de sobrevoos em áreas protegidas – terras indígenas e unidades de conservação – ao longo do eixo das rodovias BR-230 e BR-163, no Pará, a partir da sinalização dos dados do DETER. Percorremos no total 3.126 milhas que resultaram em 24 horas de registros e validações.

Ferida aberta na mata

Em nosso sobrevoo pela Terra Indígena Munduruku, flagramos o garimpo ilegal que assola o coração da Amazônia. Há muitos anos, as lideranças do povo pedem ajuda das autoridades competentes para impedir o avanço dos garimpeiros, mas pouco tem sido feito e a destruição continua se espalhando e contaminando os rios que são vitais para as comunidades. A equipe de pesquisa do Greenpeace Brasil analisou os alertas de desmatamento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e mostrou que, em dois anos, a destruição da floresta nessa região aumentou quase seis vezes. Nosso sobrevoo e análise foram notícia no **Jornal Nacional** do dia 21 de setembro de 2019, com a participação do cacique Arnaldo Kaba, que também denunciou a difícil situação de seu povo. De lá para cá, a situação vem se agravando. A atual proposta do governo federal de liberação das terras indígenas para a exploração econômica vem piorando ainda mais esse cenário de destruição.



Assista ao vídeo





Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank na Amazônia

Em setembro, levamos o casal de atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank para ver as chamadas consumindo a Amazônia com seus próprios olhos. Os materiais deste sobrevoo tiveram amplo alcance nas redes sociais.



Assista ao vídeo



© Chico Batata / Greenpeace

Conhecimento audiovisual para o povo Munduruku

Em março de 2019, realizamos uma oficina de vídeo a convite do povo Munduruku, no Alto Rio Tapajós, para que eles contassem suas próprias histórias e, assim, fortalecessem a luta pela proteção da floresta e pela garantia de seus direitos. Ao longo de sete dias, 12 jovens indígenas receberam aulas sobre técnicas e recursos audiovisuais. A barreira da língua – poucos eram fluentes em português – não impediu que o grupo conseguisse adquirir os conhecimentos necessários para realizar os vídeos. Os estudantes que melhor compreendiam o português explicavam cada uma das técnicas para seus colegas. Ao final do período, eles desenvolveram um pequeno filme sobre a sua cultura e a relação intrínseca com a floresta, mostrando o processo de realização das cerimônias tradicionais. Uma outra edição desta oficina já havia sido realizada em 2017 com os jovens da aldeia Sawré Muybu, que estão realizando vídeos até hoje.



Mobilização mundial

Em junho, os ativistas do Greenpeace Holanda colocaram a escultura "**I amazonia**" (Eu sou Amazônia) na Praça dos Museus, em Amsterdam, em referência ao célebre letreiro "*I amsterdam*" que permaneceu instalado naquele local por 14 anos e se tornou um dos lugares mais fotografados da Europa. A proposta foi alertar o mundo sobre a necessidade de valorizar e proteger a maior floresta tropical do planeta, antes que ela seja perdida.



Saiba mais



© Globo / Fábio Rocha

Aruanas: a realidade da Amazônia na ficção

A vida real inspirou a arte: o desmatamento, o garimpo ilegal e a violência contra indígenas foram os temas da primeira temporada da série Aruanas, que estreou no Globoplay em outubro de 2019. Produzida pela Maria Farinhas Filmes, a série, que retrata uma ONG ambientalista liderada por mulheres, contou com a consultoria técnica do Greenpeace para o roteiro. Parte do elenco, composto por Tais Araujo, Débora Falabella e Leandra Leal, também recebeu treinamento sobre ativismo e técnicas de resistência pacífica em nosso escritório de São Paulo.

Energia solar é para todos: uma experiência no Bailique (AP)



Assista ao vídeo

A Amazônia é alvo de grandes empreendimentos de energia suja, seja a exploração de petróleo e gás, seja a construção de grandes hidrelétricas. Em setembro, no entanto, mostramos que é possível suprir as necessidades energéticas da região de forma descentralizada e limpa. Nossa equipe conduziu um projeto-piloto de instalação de *freezers* movidos a energia solar em 4 comunidades ribeirinhas, no remoto arquipélago do Bailique, no Amapá, onde vivem cerca de 15 mil pessoas. São comunidades extrativistas de açaí e pesqueiras que dependem de gelo para armazenar seus produtos. Levar a energia solar até comunidades isoladas, que têm redes energéticas precárias, é uma forma de democratizar o acesso à eletricidade, garantir um

abastecimento regular, incentivar a economia local e disseminar o uso de fontes limpas e renováveis.

O projeto, em parceria com o Instituto IDEAAS, a Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique (ACTB) e a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), contou com a instalação de 4 módulos de *freezers* e suas respectivas placas solares, um em cada comunidade, e uma cisterna para captação de água da chuva para a fabricação do gelo. Além disso, membros das comunidades foram capacitados para fazer por conta própria a manutenção e eventuais reparos das placas e dos *freezers*, e para entender a importância das energias renováveis.





Povos indígenas: é preciso proteger os protetores

Mobilização e resistência são os termos que melhor definem o ano de 2019 em relação aos povos indígenas. Não à toa, foi um período de acirramento da disputa pela terra e de ofensivas sobre os direitos dos povos originários. Crimes como grilagem, roubo de madeira e até a venda de lotes dentro de terras indígenas homologadas dispararam e, conseqüentemente, a violência, resultando na morte de várias lideranças locais. O propósito é bastante claro: disponibilizar as áreas protegidas e os bens comuns nelas existentes – água, biodiversidade, madeira, minérios etc. – para a expansão da fronteira agropecuária e o mercado de *commodities*.

O Greenpeace mais uma vez esteve ao lado dos povos indígenas, seja por meio de ações próprias ou atividades em conjunto com outras organizações, como protestos e mobilizações, oficinas de capacitação técnica nos territórios, e articulação política em defesa dos seus direitos originários.

+ de 1 milhão de assinaturas foram reunidas no abaixo-assinado internacional **Sem Floresta, Sem Vida** que lançamos em 21 de março, Dia Internacional das Florestas. A proposta é entregá-la ao governo brasileiro para explicitar que todos queremos a Amazônia em pé.

#GuardiõesDaFloresta

Juntos no Acampamento Terra Livre (ATL)

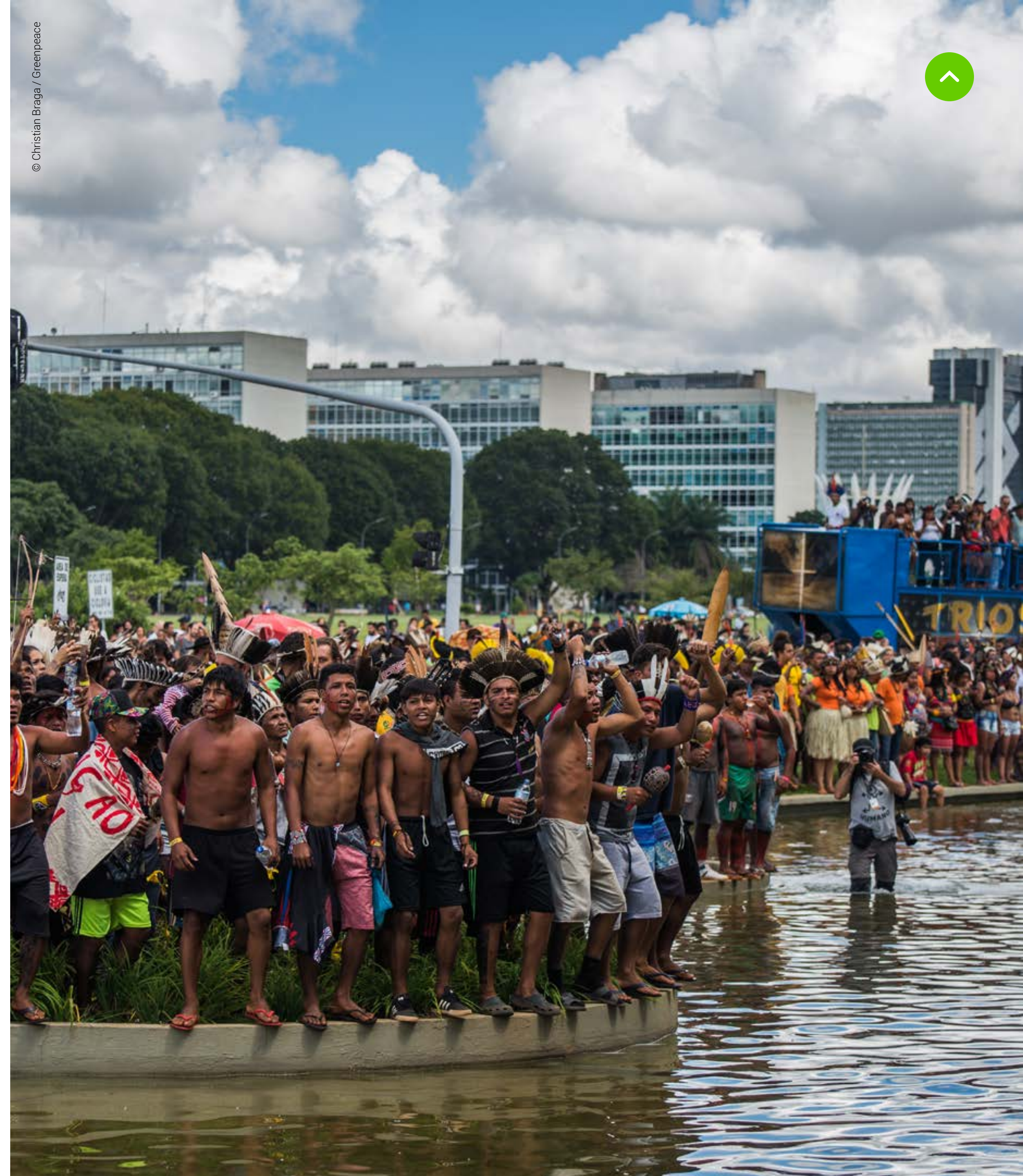
O Greenpeace foi um dos parceiros envolvidos na realização da maior mobilização indígena nacional, em Brasília, que, em 2019, aconteceu entre 24 e 26 de abril e contou com a presença de quatro mil indígenas de 170 povos das cinco regiões do país.

Enquanto nosso time de comunicação apoiou a produção de conteúdo, incluindo a cobertura audiovisual e o atendimento à imprensa nacional e internacional durante a mobilização, o nosso time de operações deu suporte à realização de

uma grande manifestação pacífica: o clamor por “Justiça”, feito com 1.600 lâmpadas de LED colocadas em frente à Praça dos Três Poderes, imagem que rodou o mundo.

Uma semana antes do ATL, nossos voluntários organizaram em 20 cidades brasileiras uma **mobilização em solidariedade aos povos Indígenas**, composta de palestras, exposições fotográficas, rodas de conversa e coleta de assinaturas para o abaixo-assinado “Sem Floresta Sem Vida”.

Em paralelo, ativistas em **11 países ao redor do mundo, como Argentina, Alemanha, Holanda e Estados Unidos, protestaram em frente às embaixadas brasileiras**, segurando fotos de indígenas de Rondônia e mensagens como “Apoie os Guardiões da Amazônia”.



#GuardiõesDaFloresta

Registrada durante o ATL, a foto da coordenadora da Apib, Sônia Guajajara, se tornou não apenas o símbolo da luta, mas da força da mulher indígena. *"Fico feliz em ver que essa foto tem sido usada amplamente nos materiais sobre a mulher e a luta indígena. Elas são o exemplo de como é viver lutando, sem baixar a cabeça, mesmo sentindo dor, raiva e tristeza pelo que ainda acontece com seus povos"*, diz o fotógrafo **Christian Braga**, que fez a cobertura do ATL pelo Greenpeace.





A força das mulheres por seus direitos

Pode-se dizer que em 2019 a luta pelos direitos se tornou ainda mais feminina. Além do ATL, o Greenpeace também apoiou e esteve presente em outro evento protagonizado por elas: a **1ª Marcha das Mulheres Indígenas**, realizada entre os dias 9 e 14 de agosto, na capital federal, que reuniu 1.500 participantes. Com o lema "Território: nosso corpo, nosso espírito", o evento antecipou a **6ª edição da Marcha das Margaridas**, que reuniu camponesas, quilombolas, ribeirinhas, pescadoras, sem-terra e mulheres de diversas outras comunidades tradicionais, além das indígenas, de todo o país em uma gigantesca manifestação em defesa de seus direitos.



VOCÊ VIU?

Mulheres indígenas e o clima

Em junho, 44 mulheres indígenas de cinco povos do Maranhão (Krikati, Awá, Gavião, Ka'apor e Guajajara), um do Pará (Tembé), um do Tocantins (Krahô) e um de Roraima (Macuxi) se reuniram em Carolina (MA) para a realização da oficina **Mulheres Indígenas e o Impacto das Mudanças Climáticas**. Elas se debruçaram sobre temas ainda não muito conhecidos, como desenvolvimento econômico, globalização e economia verde, no contexto do aquecimento global.



Assista ao vídeo



"Nós, mulheres, somos as primeiras a sentir e observar os impactos e as mudanças do clima no nosso cotidiano, porque temos uma relação especial com a natureza e o território. Somos nós também que guardamos as sementes e passamos este e outros conhecimentos para as novas gerações, inclusive os diferentes modos de fazer a proteção territorial." **Edilena Krikati**, conselheira da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab)





RESISTÊNCIA

Todos os Olhos na Amazônia

Para além da mobilização, a defesa dos territórios indígenas também contou com diversas oficinas de capacitação técnica e de articulação política entre os povos, coordenadas pelo projeto **Todos os Olhos na Amazônia**. Esta iniciativa em rede formada pelo Greenpeace com diversas outras organizações locais e nacionais é financiada pela loteria holandesa e tem atuação também no Peru e no Equador. No Brasil, acompanhe as atividades realizadas nos três territórios em que o projeto atua:

Terra Indígena Karipuna

Localizado em Rondônia, o território é o que apresentava o maior aumento de desmatamento nas áreas protegidas do Estado, chegando a 11 mil hectares destruídos. Em abril, lideranças de 18 etnias manifestaram solidariedade aos Karipuna durante o **I Encontro de Povos Indígenas de Rondônia**, ao qual estivemos presentes.

As ameaças, a grilagem, o roubo de madeira e até mesmo a venda de lotes dentro da terra, homologada desde 1998, foram as principais

motivações para que os Karipuna fizessem diversas denúncias dentro e fora do país, como em reuniões da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque e Genebra, em protesto em Berlim e durante o *Sínodo da Amazônia*, no Vaticano. A repercussão de tantas denúncias e os dados levantados pelo Greenpeace durante sobrevoados e imagens por satélites resultaram em operações de fiscalização e apreensão da Polícia Federal. Como consequência, em novembro de 2019 foi divulgada a diminuição de 25,3% no desmatamento registrado na TI Karipuna em relação ao ano anterior.

“Nossa participação no Sínodo da Amazônia é mais uma oportunidade de gritarmos ao mundo que a Constituição Federal e os direitos dos povos originários do Brasil precisam ser respeitados. É a vida de todo o planeta que está ameaçada e as pessoas precisam entender isso, antes que seja tarde demais” **Adriano Karipuna**, liderança de seu povo.



Mosaico Maranhense

O Maranhão é composto por diversas terras indígenas que também vêm enfrentando conflitos e invasões em seus territórios. Por isso, em julho e outubro, foram realizadas duas **oficinas de monitoramento ambiental** com os grupos de "Guardiões da Floresta" das oito terras indígenas em que o projeto atua.

Os indígenas são capacitados a fortalecer o trabalho de monitoramento que já realizam, com o **uso de tecnologias como GPS, câmeras e aplicativos digitais, técnicas de cartografia e navegação, além de articulação política.**

Organizadas pelo Greenpeace em parceria com a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e o Instituto Makarapy, elas contaram com a participação de mais de 60 lideranças e foram realizadas nas terras indígenas Awá e Governador, respectivamente.

Imagens como prova

Já no início de agosto, outra formação audiovisual contou com a presença de 50 Guardiões, para que imagens de vídeo de violações de direitos possam ser utilizadas como prova jurídica. As atividades de monitoramento são necessárias pela extrema violência e tensão que existe na região. Um total de 42 Guajajara foram assassinados entre 2000 e 2018; sendo que nos últimos dez anos ocorreram 12 assassinatos somente da TI Arariboia.

Infelizmente, no dia 1º de novembro, o guardião Paulo Paulino Guajajara, que participou das duas oficinas de monitoramento territorial, foi assassinado dentro de sua própria terra – Arariboia -, na região de Bom Jesus das Selvas. Outro guardião, Laércio Guajajara, foi baleado durante este atentado. A enorme repercussão que este assassinato teve, com **a colaboração do Greenpeace em denunciá-lo** tanto no Brasil como internacionalmente, fez com que o Estado brasileiro se comprometesse a investigar e punir os responsáveis.





Ilustração: Carlos Alves

PAE Lago Grande

Nos 252 mil hectares do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Lago Grande, na região de Santarém (PA), vivem 144 comunidades extrativistas, ribeirinhas e indígenas. Nos dias 15 e 16 de novembro, mais de 1.300 jovens das três regiões do PAE (Arapiuns, Arapixuna e Lago Grande) realizaram a **I Romaria do Bem Viver**, que promoveu um amplo debate entre os comunitários sobre a necessidade de proteger o território e o modo de vida tradicional dos que ali vivem secularmente.

A Romaria foi organizada pela Pastoral da Juventude com diversas organizações locais e o Greenpeace.

Um grupo de 20 jovens fez o registro do evento em fotos e vídeos. Eles participaram de um conjunto de oficinas políticas que incluem duas formações em comunicação. Nestas, eles se apropriaram de conceitos teóricos e técnicas com o propósito de utilizar a comunicação como ferramenta para a luta em defesa da floresta e da vida em comunidade.

As visitas de campo na região também resultaram em estudos do nosso time de pesquisas sobre o PAE Lago Grande, como a *Análise da Paisagem com Foco no Uso e Cobertura da Terra* e o *Diagnóstico Socioambiental e Econômico*, que fornecem importantes subsídios para uma compreensão maior sobre a realidade deste território, tanto em relação aos impactos e ameaças como a aspectos bastante positivos sobre, por exemplo, o alto índice de preservação de florestas no PAE.

“Nós agradecemos de coração pelo que vocês têm feito pela juventude de nossa região, por acreditar na nossa luta, no nosso potencial e por estar sempre presente conosco nessa construção coletiva. Sabemos que o processo é lento, mas unidos conseguiremos defender nossa floresta e o modo de vida de nossos antepassados”.
Ian de Sousa Tavares, 19, da Aldeia Camará, um dos jovens envolvidos na organização da *I Romaria do Bem Viver*.





Cerrado: a caixa d'água do Brasil em risco

O segundo maior bioma do Brasil já perdeu metade da sua vegetação nativa e, em 2019, o ritmo do desmatamento seguiu estável, atingindo 6.484 km² – uma área maior que o Distrito Federal. O principal vetor desta destruição tem sido o avanço do agronegócio.

Em outubro de 2018, lançamos o relatório **Segure a Linha**, resultado de mais de 2 anos de pesquisas, de 7 mil quilômetros rodados e de 150 entrevistas. Ele faz uma análise socioeconômica e ambiental em uma região pujante do agronegócio no Cerrado – o Matopiba, que é a região de confluência entre os Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. O estudo revelou os efeitos negativos do modelo de *commodities* que centraliza os lucros para poucos e “socializa” os danos causados ao meio ambiente para as comunidades locais – isso na região que é um dos principais pontos de partida da soja brasileira para o mundo.

Em 2019, continuamos denunciando amplamente a expansão a qualquer custo e seus malefícios, como destruição de paisagens naturais, esgotamento dos recursos hídricos, contaminação por agrotóxico, concentração de renda e violação dos direitos das comunidades locais. Este trabalho resultou em 22 matérias na imprensa, um debate público na Universidade Federal do Oeste da Bahia e 3 eventos sobre alimentação saudável, em parceria com a Agência Solano Trindade, que reuniram mais de 5 mil pessoas.

#ProtejaOCerrado



Tentativa de intimidação

Em maio, presenciamos diretamente uma das situações de intimidação e risco a que as comunidades estão submetidas todos os dias. Quando levamos uma equipe de TV alemã para entrevistar moradores locais, homens sem identificação portando fuzis invadiram a residência para intimidar a todos.

Contamos esta história em dezembro, no relatório *Cultivando Violência*, onde mostramos como este caso está ligado à cadeia da soja do Cerrado e cobramos ações enérgicas da empresa e da justiça.



VOCÊ VIU?

Fomos finalistas em prêmio de direitos humanos

Nossa *websérie Segure a Linha: a expansão do agronegócio sobre o Cerrado* foi finalista do Prêmio de Jornalismo Vladimir Herzog. Entre 692 trabalhos inscritos, concorremos em nossa categoria com TV Globo, jornal O Globo e TV Brasil. Na série de 3 vídeos, mostramos o avanço do agronegócio na região do *Matopiba* e como ele está afetando a vida das pessoas da região.



Assista ao vídeo



#ProtejaOCerrado

#SegundaSemCarne

Menos carne, mais saúde, mais florestas

Mais de 60% das áreas desmatadas da Amazônia estão ocupadas por gado. A atividade é uma das maiores responsáveis por emissões de gases do efeito estufa em todo o mundo e o consumo continua a crescer de forma insustentável. Por isso, participamos ativamente da campanha pela redução do consumo de carne. Publicamos receitas vegetarianas todas as segundas-feiras, em 2019, e tivemos o ponto alto com a *Semana Mundial Sem Carne*, realizada entre 17 e 23 de junho, em parceria com as organizações Sociedade Vegetariana Brasileira e Mercy For Animals.





Em plena Avenida Paulista aberta, realizamos uma roda de conversa com o público sobre os impactos do consumo de carne. Na periferia de São Paulo, fizemos um churrasco vegano para mostrar que dieta vegetariana não é coisa de rico e pode ser saborosa. E, nas redes sociais, desafiamos 16 influenciadores a tirar a carne do prato por uma semana inteira e relatar a experiência a seus seguidores. As atividades foram um sucesso, gerando ampla exposição na mídia e alto engajamento nas redes sociais e nas ruas:

- Nossos posts sobre o tema alcançaram mais de 180 mil pessoas.
- Realizamos 3 lives com parceiros, que reuniram 5 mil espectadores no total.
- 187 voluntários aceitaram participar do **Desafio Sem Carne** em mais de 100 cidades diferentes. Desses, 44% comem carne, pelo menos, 5 vezes por semana.
- Voluntários fizeram seus próprios eventos em Manaus (AM), Belém (PA) e São Paulo (SP).



A surpresa do chef Raul Lemos

Em julho, levamos o *chef* de cozinha conhecido por sua participação no programa *MasterChef Brasil* para ver de perto os impactos da pecuária e conversar com as pessoas da floresta que são afetadas diretamente pelo problema. “É muito mais sério do que eu imaginava. Tenho um filho de um ano, que tipo de futuro ele terá?”, declarou Raul. A iniciativa foi parte do projeto *Food Curious*, do Greenpeace internacional, de contar histórias sobre os impactos socioambientais da produção de proteína animal no mundo. O documentário também tem episódios feitos na França e na Tailândia.



Assista ao vídeo





A lama de Brumadinho: lição não aprendida

Mal o ano havia começado quando todos fomos surpreendidos, no dia 25 de janeiro, por uma nova tragédia envolvendo uma barragem de rejeitos de minérios da Vale.

Desta vez, foi a Barragem Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG), que se rompeu. Cerca de 13 milhões de metros cúbicos de lama tóxica destruíram e soterraram o que apareceu pela frente: casas, rios, bosques, animais e mais de 250 pessoas.

Era mais uma ferida social impossível de cicatrizar, e uma reincidência em crime ambiental, que deixava claro o quanto os governos e a própria empresa não haviam aprendido nada com a tragédia de Mariana (MG).

O Greenpeace Brasil rapidamente organizou um time de resposta rápida para entender e denunciar a dimensão desta nova tragédia, dar voz aos atingidos e cobrar a responsabilidade da empresa e do governo federal na devida reparação dos danos.

- Um dia após o desastre, enviamos ao local duas equipes para análise e documentação do ocorrido, que se revezaram durante as três primeiras semanas do desastre. Gravamos entrevistas com os atingidos, registramos e denunciemos amplamente junto à mídia local os impactos da lama ao longo do rio Paraopebas, acompanhamos os trabalhos de resgate dos bombeiros e as manifestações de protesto da população.

#SOSBrumadinho



Em paralelo, nossos voluntários, especialmente de Minas Gerais, se uniram a uma rede de solidariedade para arrecadar e distribuir mantimentos e artigos de primeira necessidade aos atingidos.





© Christian Braga / Greenpeace

Reunimos 72.853 assinaturas no abaixo-assinado *Parem a Vale*, e enviamos cartas aos Ministérios do Meio Ambiente e de Minas e Energia, pedindo a paralisação das operações das 167 barragens da empresa até que fosse possível garantir sua segurança.

Em pressão com outras organizações do terceiro setor, conseguimos a exclusão da Vale do *Pacto Global das Nações Unidas*, a maior rede de responsabilidade social corporativa do mundo, com mais de nove mil empresas.

Em centenas de entrevistas concedidas à mídia, além de cobrar responsabilidades à Vale, também aproveitamos a oportunidade de alertar e conscientizar a sociedade para as tentativas de enfraquecimento do licenciamento ambiental por parte de lideranças políticas no Congresso Nacional. O cumprimento do licenciamento ambiental é a prevenção de tragédias como a de Brumadinho.



VOCÊ VIU?

Quanto vale a palavra da Vale?

Em um vídeo-denúncia criado a partir da comunicação institucional da empresa, denunciemos a hipocrisia da Vale ao pregar “a vida em primeiro lugar”, enquanto negligenciava a segurança dos seus funcionários e da comunidade em torno da barragem.



Assista ao vídeo



#SOSBrumadinho

"Foi quando subi o drone que vi aquele carro carregado pela onda de destruição. Com este ângulo visto de cima, quis mostrar o quão impactante era aquele rio de lama. Ela, a lama, toma conta da imagem toda, não tem respiro, não tem para onde ir. Era exatamente essa sensação de horror que Brumadinho vivia naqueles dias e que eu buscava captar e transmitir em imagem", conta a documentarista **Fernanda Ligabue**, que há seis anos é colaboradora do Greenpeace Brasil. Sua foto denunciou a tragédia para o mundo, sendo compartilhada até pelo ator Leonardo DiCaprio.



© Fernanda Ligabue / Greenpeace





“Na tristeza que pairava, eu tentei transformar o luto em foto. Os bombeiros são considerados heróis, mas eles também são humanos, sentem, choram, e expor isso através desta bombeira gerou uma repercussão muito positiva”, diz o fotógrafo **Christian Braga**. A imagem feita para o Greenpeace virou uma reportagem para o *Mais Você*, programa da Rede Globo.



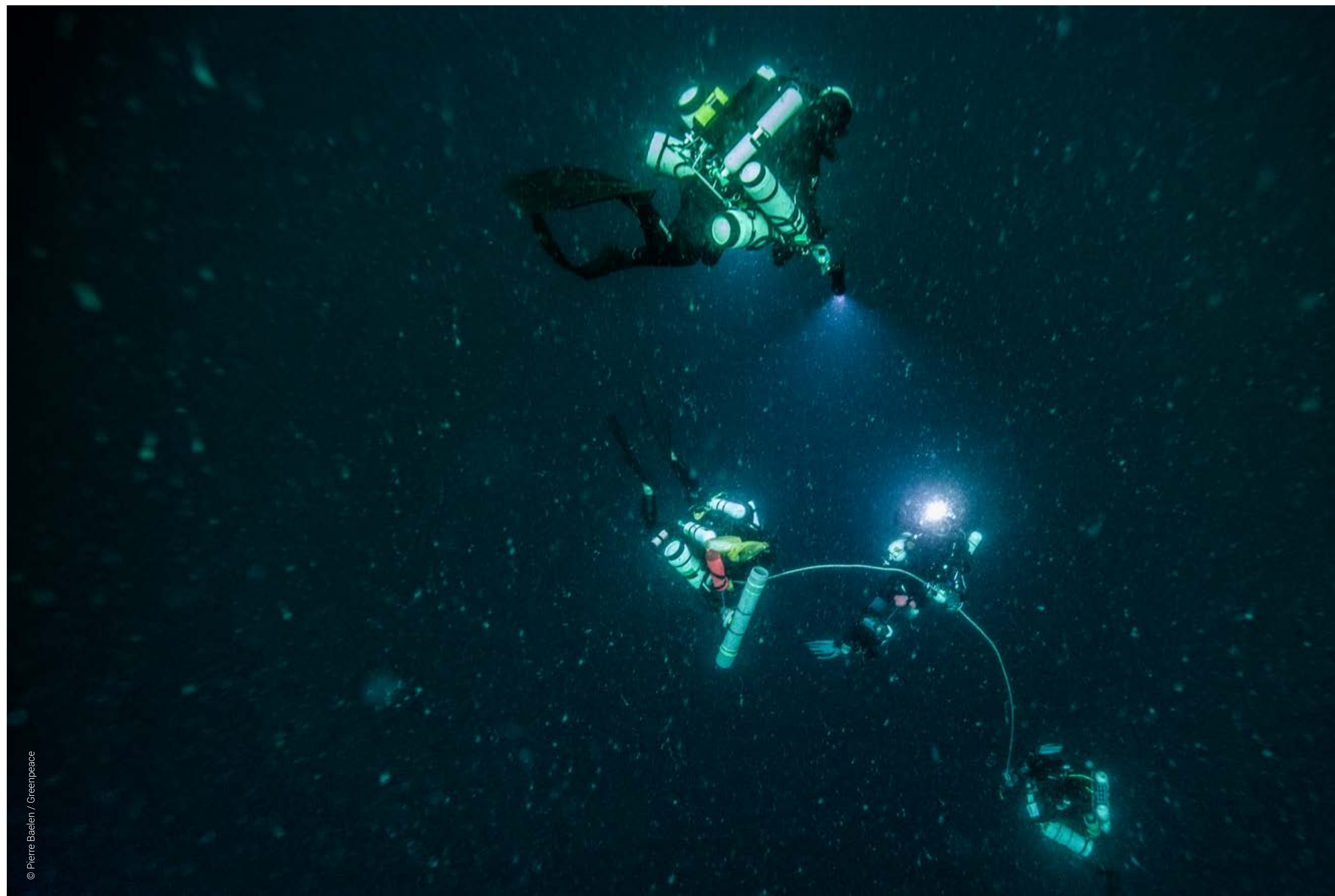


De Polo a Polo pela proteção dos oceanos

Em abril, o Greenpeace Internacional iniciou uma grande expedição científica entre o Ártico e a Antártida. Essa jornada, que ultrapassaria um ano de duração, ganhou o nome de *Polo a Polo* e sua principal missão foi pedir a criação de um *Tratado Global dos Oceanos*, pelo qual 30% das águas internacionais estejam protegidas até 2030, por meio da criação de santuários marinhos.

Ao longo dos meses, nosso navio *Esperanza* passou por diferentes regiões rumo ao extremo sul do planeta, denunciando as ameaças das atividades humanas para a biodiversidade dos mares, como a pesca excessiva, a poluição dos plásticos e a exploração de petróleo. Nós, do Brasil, acompanhamos cada etapa desta campanha, compartilhando os conteúdos em nosso site e redes sociais até que, entre agosto e setembro, participamos diretamente dela, com a chegada do navio novamente aos Corais da Amazônia.

#DefendaOsCorais



Uma explosão de vida dentro d'água

Estivemos a bordo do *Esperanza* ao longo de um mês, com uma equipe de quatro cientistas e alguns mergulhadores, nas águas do Atlântico, próximo à Guiana Francesa. Desta vez, o objetivo foi atestar a importância biológica dessa região para o sistema recifal dos corais e o que vimos comprovou a expectativa: avistamos mais de 35 espécies, entre cetáceos, aves e peixes, como a falsa-orca, a cachalote-anã, o golfinho cabeça-de-melão e o tubarão-martelo. Ficou provado que ali é um local de reprodução de baleias jubarte, e de alimentação de baleias de bryde. Fizemos a primeira imagem subaquática do tubarão-seda nas águas da Guiana Francesa, uma espécie ameaçada de extinção.

#DefendaOsCorais

© Greenpeace

*"Mostramos que a megafauna em torno dos Corais da Amazônia é extremamente rica e diversa, o que torna qualquer interesse de exploração petrolífera nessa região uma ameaça a ser combatida", diz **Thiago Almeida**, da campanha de Clima e Energia*





Um novo feito histórico

Dois anos depois de revelar para o mundo as primeiras imagens dos Corais da Amazônia, com a ajuda de um minissubmarino, foi a vez de realizar o primeiro mergulho de humanos, que desceram até 100 metros, com cilindros de oxigênio, para ver os Corais da Amazônia de perto. Isso pôde comprovar que esse ecossistema é ainda maior, se estende a outras partes da Guiana Francesa e está cheio de vida, com formações únicas e potenciais novas espécies.

2,6 milhões de pessoas ao redor do mundo assinaram nosso abaixo-assinado pela criação do *Tratado Global dos Oceanos*.



VOCÊ VIU?

Giovanna Lancelloti se uniu a nós na proteção dos oceanos

Durante esta expedição, levamos a atriz para acompanhar nosso trabalho de perto, a bordo do *Esperanza*. Hoje, ela é uma das nossas embaixadoras dos oceanos e mais uma voz atuante na defesa deles. Veja o vídeo desta experiência transformadora para Giovanna.



Assista ao vídeo



© Pierre Baelen / Greenpeace



Por uma alimentação sem veneno

O ano de 2019 pode ser visto como o mais tóxico em mais de uma década e um trágico capítulo para a agricultura e a população brasileiras. Em apenas 12 meses, foram aprovados 503 novos agrotóxicos. Eles vão parar no nosso prato, contaminam trabalhadores rurais, o solo e a água que bebemos e destroem a biodiversidade. Se, em 2018, pressionávamos parlamentares para que não aprovassem absurdos como o *Pacote do Veneno*, em 2019 essa situação se agravou bruscamente. Como reação, a atuação do Greenpeace Brasil foi denunciar intensivamente na mídia e mobilizar a sociedade contra essa liberação indiscriminada de veneno.

#ChegaDeAgrotóxicos



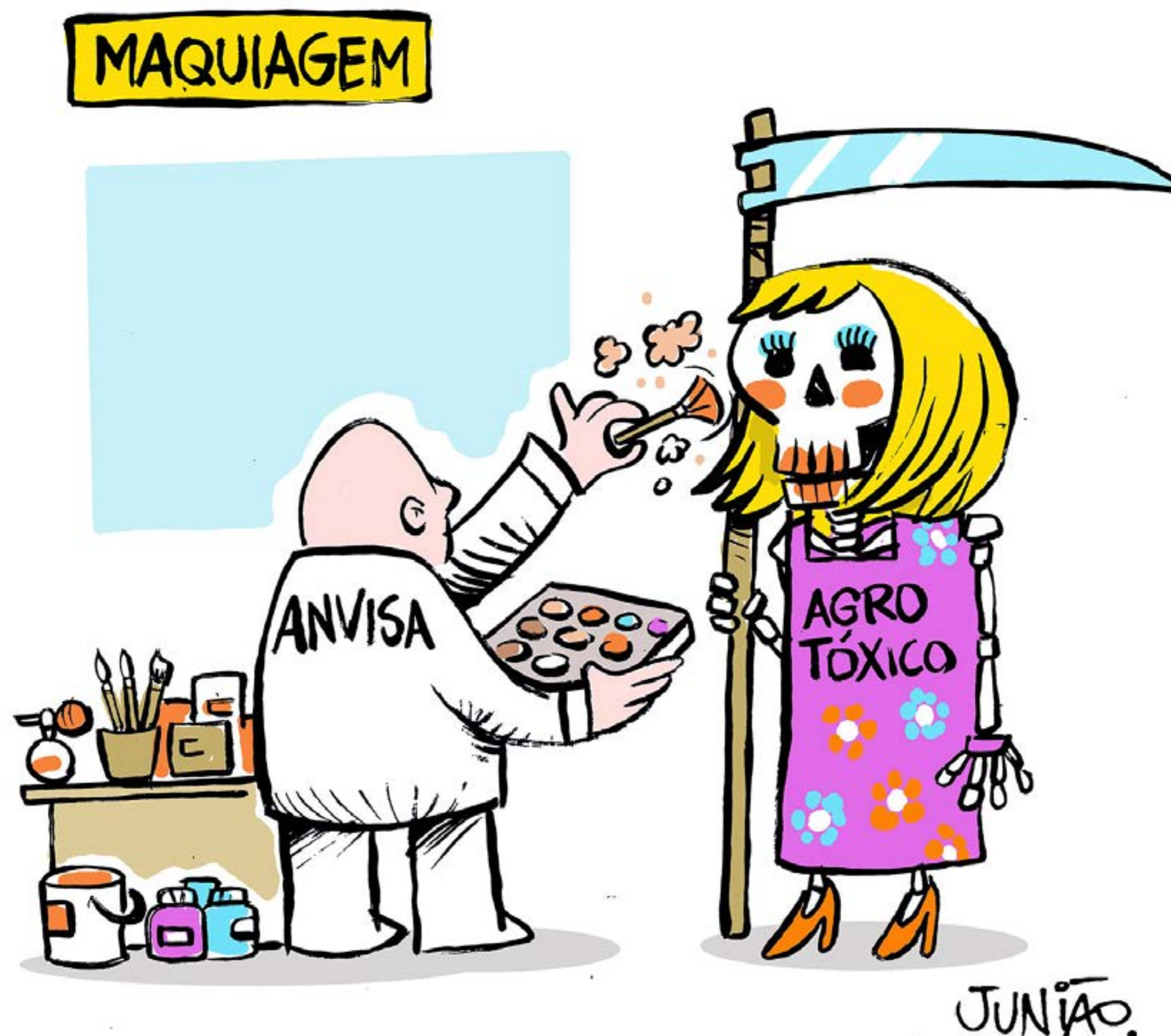
*"Com o governo Bolsonaro, vivemos a experiência amarga de os agrotóxicos serem empurrados goela abaixo da população, sem consulta e debate, contrariando os especialistas em saúde", diz **Marina Lacôrte**, da campanha de Agricultura e Alimentação.*





Monitoramento e análise da liberação de agrotóxicos

De janeiro a dezembro, monitoramos e analisamos as liberações recorrentes de agrotóxicos feitas pelo governo Bolsonaro. Mostramos que, de todos os 503 produtos liberados, 34% contêm agrotóxicos não aprovados pela União Europeia. A agilidade na publicação dessas análises a cada nova liberação nos garantiu protagonismo junto à imprensa, parceiros e apoiadores.



Ampliação do debate público

Em junho, participamos da realização do seminário *Terra e territórios: alimentação saudável e redução de agrotóxicos*, no Congresso Nacional, com o objetivo de retomar as discussões da PNaRA – Política Nacional de Redução de Agrotóxicos, atrair novos parlamentares, para a pauta e aumentar a pressão pública em torno do assunto. Com um auditório cheio, estiveram presentes especialistas, agricultores familiares, alunos e professores de universidades e figuras públicas como a *chef* Bela Gil. O seminário marcou o lançamento da Frente Parlamentar de Agroecologia.

Em setembro, participamos de uma comissão geral na Câmara dos Deputados para falar sobre os malefícios dos agrotóxicos. Nossa porta-voz, Marina Lacôrte, a *chef* Bela Gil e a pesquisadora da USP Larissa Bombardi estiveram presentes, com o apoio do Greenpeace. O evento foi uma tentativa da bancada ruralista de trazer novamente à pauta o Projeto de Lei 6.299/2002 (*Pacote do Veneno*). Com falas motivadoras e contundentes, muitos dos presentes defenderam um novo tipo de agricultura.



#SalveAsAbelhas

Para além dos riscos à saúde com o veneno no prato, os agrotóxicos são uma séria ameaça também às abelhas. Entre dezembro de 2018 e março de 2019, mais de meio bilhão delas foram encontradas mortas no Brasil. As abelhas nos ajudaram a engajar mais pessoas nas ruas e nas redes sociais. No Dia Mundial das Abelhas, lançamos um abaixo-assinado para alertar sobre os perigos que elas estão correndo, e mobilizamos nossos voluntários para “polinizar” diversas cidades brasileiras com atividades de conscientização sobre a importância desses insetos para o meio ambiente e as pessoas.

364.113 pessoas assinaram nossa petição *Salve as Abelhas* em 2019.



#GreveGlobalPeloClima

Juntos contra a Emergência Climática

Nada se tornou tão importante e urgente quanto enfrentar o maior desafio para a humanidade nos próximos anos. Não à toa, o termo "emergência climática" foi eleito a *Palavra do Ano* pelo Dicionário Oxford. Foi o ano também em que a mobilização pelo clima ganhou novos contornos e a face inusitada de uma menina de tranças: Greta Thunberg. A jovem ativista sueca inspirou mobilizações massivas em várias cidades do mundo, como nunca se viu antes, a partir do seu ato solitário de faltar às aulas nas sextas-feiras para protestar em frente ao parlamento sueco.

Lideradas pela juventude, as "greves escolares pelo clima", sempre às sextas-feiras, se tornaram um movimento global e um chamado à ação de governantes e empresas para conter o aquecimento global - o *Fridays For Future* (*Sextas pelo Futuro*). No Brasil, nos unimos com nossos grupos de voluntários ao movimento, que começou tímido, mas vem ganhando cada vez mais espaço e adesão.



SOS Clima

Desde junho de 2019, o Greenpeace Brasil integrou essa coalizão pelo clima, em São Paulo, formada por várias organizações e coletivos da sociedade civil, com o objetivo de articular a primeira *Greve Global pelo Clima* na cidade, que culminaria com uma bonita e grande marcha pela Avenida Paulista, no dia 20 de setembro. Ao longo desses meses, promovemos encontros, debates e a mobilização, que inspirou nossos grupos de voluntários a fazer o mesmo em outras 15 cidades do Brasil: Bertioga (SP), São João da Boa Vista (SP), Porto Alegre (RS), Imbé (RS), Goiás (GO), Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Macapá (AP), São Luís (MA), Rio de Janeiro (RJ), Fortaleza (CE), Brasília (DF), Belém (PA), Recife (PE) e Manaus (AM).

#GreveGlobalPeloClima

De portas abertas

Uma semana antes da *Greve Global pelo Clima*, abrimos nosso escritório em São Paulo para receber ativistas, estudantes, famílias e organizações parceiras em debates, oficinas e para a confecção de diversos materiais usados na marcha, como camisetas, faixas e placas.





© Bárbara Veiga / Greenpeace



VOCÊ VIU?

Sem Amazônia, Sem Clima

Na *Greve Global pelo Clima*, em São Paulo, junto a milhares de pessoas, colocamos o nosso bloco na rua pedindo a proteção da Amazônia e ironizando os “Céticos do Clima”, nas figuras do terraplanista, ruralista, cientista maluco e do “sinistro” do meio ambiente, Ricardo Salles, que ameaçam o agravamento da crise climática. Os bonecos foram destaques em vários veículos de mídia do país. Confira o vídeo.



Assista ao vídeo



Unidos contra mais uma tragédia do petróleo

No maior desastre ambiental da história na costa brasileira, manchas misteriosas de petróleo cru atingiram mais de mil localidades em ao menos 130 municípios de 9 Estados do litoral, entre Maranhão e Rio de Janeiro, mostrando claramente os riscos da exploração petrolífera.

Contaminou áreas sensíveis, como praias, mangues e inúmeras espécies da vida marinha. Pôs em risco a saúde dos moradores locais. Causou prejuízo econômico a quem vive da pesca e do turismo. E teve impactos sociais sobre as comunidades afetadas.

O Greenpeace Brasil prontamente enviou equipes para a região afetada, que permaneceram durante um mês em diversos locais. Diante da mobilização dos voluntários para a limpeza das praias, inclusive com a participação dos nossos grupos de São Luís (MA), Fortaleza (CE), Recife (PE) e Salvador (BA), a primeira ação do Greenpeace Brasil foi alertar para o risco à saúde ao ter contato direto com as substâncias cancerígenas do óleo. Também cobramos ações emergenciais dos governos para garantir a proteção das pessoas. Mas não paramos por aí.

O trabalho do Greenpeace Brasil em relação ao óleo foi dividido em 4 frentes e contou com duas bases operacionais montadas temporariamente em Porto de Galinhas (PE) e Caravelas (BA).



#ÓleoNoNordeste



Documentação e denúncia

Em uma série de fotos, vídeos e relatos emocionantes publicados na imprensa e nas redes sociais, mostramos o impacto do óleo tóxico para o meio ambiente e para as pessoas. Ao entrevistar e expor a situação dos mais vulneráveis, como os pescadores e marisqueiras que ficaram sem renda e viram a fome de perto, demos voz àqueles que dificilmente recebem atenção do poder público.





Pressão pública

O Greenpeace cobrou a responsabilidade do poder público, especialmente do Governo Federal, em realizar ações efetivas de proteção e amparo aos atingidos pelo óleo. Para isso, fizemos mobilizações e protestos com nossos ativistas e voluntários, concedemos diversas entrevistas à imprensa e participamos de audiências públicas em apoio às demandas das associações comunitárias na cobrança por seus direitos.



Investigação e Pesquisa

Percorremos 226 quilômetros da costa de Pernambuco e Alagoas em um veleiro, realizando mergulhos de até 20 metros de profundidade com pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Área de Proteção Ambiental (APA) Costa dos Corais. Eles coletaram amostras de sedimentos para detectar se havia óleo diluído e medir o nível de toxicidade da água.

Em paralelo, nosso time de investigação se dedicou a analisar a dispersão das manchas de óleo por meio de imagens de satélite para detectar as possíveis causas ou a origem do vazamento, infelizmente sem sucesso.



© Nilmar Lage / Greenpeace



Distribuição de EPIs

Ao todo, 900 kits de EPIs (Equipamento de Proteção Individual), como botas, luvas e máscaras, foram comprados e doados a grupos de voluntários e comunidades envolvidos na limpeza das praias em vários municípios do Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia.



© Nilmar Lage / Greenpeace

O fato inusitado foi que, pela primeira vez em sua história, o Greenpeace Brasil foi alvo da insinuação de um ministro de Estado – Ricardo Salles, do Meio Ambiente – que em sua conta em uma rede social deu a entender que a organização estaria por trás dessa tragédia ambiental. Usou, para isso, uma mentira: a de que nosso navio *Esperanza* estaria navegando em águas internacionais na altura do litoral nordestino por ocasião do derramamento de óleo. Nosso navio estava na Guiana Francesa, o que é facilmente verificável. Enfim, só nos restou entrar com uma ação no STF contra o autor de tamanho disparate, que, em virtude da sua total falta de competência e interesse para liderar o combate às terríveis consequências do vazamento de óleo, preferiu desviar a atenção da população com mentiras e boatos. Pagará o preço, com certeza, mas, infelizmente, esse preço será muito menor do que o custo que o nosso meio ambiente e a nossa sociedade ainda estão pagando pela inépcia e má-fé de quem os deveria estar protegendo.



Lutando contra o retrocesso

Em 2019, grandes ameaças ao meio ambiente vieram de quem tem o dever de protegê-lo. Como fizemos em governos e anos anteriores, exercemos a independência garantida por nossos doadores para criticar e denunciar o forte retrocesso das políticas ambientais promovido pelo Governo Bolsonaro e seu ministro do Meio Ambiente. Em diversas situações, cobramos a sua responsabilidade de combater as ilegalidades em relação à Amazônia e de defender o patrimônio natural dos brasileiros da ganância de alguns grupos de poder.

#NossoPartidoÉAFloresta



Ação em Israel

No início de abril, em parceria com nossos colegas do Greenpeace em Israel, recebemos o presidente Jair Bolsonaro naquele país com um banner gigante de 140m², em frente ao hotel onde estava hospedado, com a mensagem, em inglês: "Bolsonaro, pare com a destruição da Amazônia". A foto circulou amplamente na imprensa mundial e foi o primeiro chamado para que ele cumprisse com sua responsabilidade.





Protestos ao *tour* da mentira de Ricardo Salles

Em setembro, no auge das queimadas da Amazônia, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, percorreu países europeus na tentativa de "limpar a barra" do Brasil com políticos e investidores no exterior. Foi recepcionado e confrontado por nossos ativistas na França, Alemanha e Inglaterra.



2019

LINHA DO TEMPO

O Fakebook de Ricardo Salles

Para rebater as falas mentirosas do ministro do Meio Ambiente e informar ao público sobre a verdade, criamos uma cartilha com 35 páginas, em parceria com o Observatório do Clima e o Clima Info, chamada *O Livro de Mentiras de Ricardo Salles*. Parte deste conteúdo foi reunido no site Governodadestruição.org, que detalha a trajetória do desmonte ambiental brasileiro, mês a mês, com fatos noticiados na imprensa, a partir de 2019.



UM GOVERNO CONTRA O MEIO AMBIENTE



Saiba mais

Brasil manchado de óleo

Em outubro, diante da política antiambiental do Governo Bolsonaro, de sua omissão em combater o fogo na Amazônia e pela incompetência em agir adequadamente ao maior derramamento de petróleo no litoral brasileiro, nossos ativistas realizaram um protesto pacífico e sem danos em frente ao Palácio do Planalto, em Brasília (DF), com troncos queimados da Amazônia e tinta à base de amido de milho e corante natural para simular o óleo tóxico no Nordeste. Ao contrário das nossas praias, o centro do Poder foi rapidamente limpo. Nossos ativistas chegaram a ser detidos, mas foram liberados poucas horas depois. A ação ganhou repercussão nacional na mídia e nas redes sociais e ajudou a consolidar a narrativa de que a responsabilidade pelo enfrentamento dos danos ambientais é do Governo Federal.





Repúdio aos ataques do governo

Contumaz em lançar "cortinas de fumaça" para desviar o foco de suas reais intenções e incompetência, primeiro o presidente Jair Bolsonaro acusou as ONGs de estarem por trás das queimadas da Amazônia; pouco tempo depois, foi a vez do ministro Ricardo Salles acusar diretamente o Greenpeace de ter sido o responsável pelo derramamento de óleo no litoral brasileiro, com o navio *Esperanza*. As acusações foram rapidamente desmentidas e, além disso, o ataque ao Greenpeace, em especial, gerou um movimento de solidariedade à organização vindo da sociedade civil.



A sua doação garante a nossa independência

Somos uma organização ativista que atua no Brasil de forma independente há 28 anos. Nossos recursos financeiros vêm das doações de pessoas físicas e fundações brasileiras – nada de empresas, governos ou partidos políticos. No último ano, tivemos uma receita de 53 milhões de reais, um esforço coletivo que só foi possível graças aos nossos times de Captação de Recursos que atuam em diversos canais.

#DiaDeDoar



Cara a cara

Nosso time de Diálogo Direto é formado por equipes de captadores que vão às ruas para explicar para a população as nossas campanhas e a importância de ajudar o Greenpeace Brasil a manter suas atividades de denúncia e exposição dos crimes ambientais. Em 2019, eles estiveram em 63 cidades, coletando doações e disseminando nossas mensagens junto à população. Trouxeram 30.050 novos doadores.

O Diálogo Direto também participou de vários eventos como *RD Summit*, *Digitalks* e *Vtex Day*, de tecnologia, na cidade de São Paulo; fomos a festivais de música, como o *Lollapalooza Brasil* e convidados a estar na tradicional festa de aniversário da casa noturna *The Week*, em São Paulo, cujo tema foi a proteção das florestas. Oportunidades como essas mostram a nossa missão de levar a pauta ambiental a todos os públicos e lugares, pois proteger nossos recursos naturais é dever de todos.

Alô, Greenpeace

Em nossos canais de Telemarketing a nossa atuação não é diferente. Em 2019, fechamos o ano com 75 teleativistas, que levaram a pauta ambiental para mais de 250 mil pessoas espalhadas pelo Brasil. Desse imenso público que soube mais sobre nossos projetos e campanhas, nove mil pessoas se tornaram doadoras regulares da organização.

Doação em um clique

Outra vitória que tivemos no ano foi a ampliação da captação de recursos nos canais digitais. Investimos em novas tecnologias, resultando em uma nova página de doação com alcance médio de 2,3 mil novos membros por meio das redes sociais, de sites e e-mails. E mais de 348 mil pessoas foram impactadas com as mensagens do Greenpeace Brasil.

Nossos mais de 60 mil colaboradores ativos puderam acompanhar nosso trabalho ao longo do ano por meio de e-mails e informativos das campanhas. Ampliamos os laços e promovemos mais interação com nosso público de colaboradores, que foram às ruas pela *Greve Global pelo Clima*.

Seja doador do Greenpeace. Já é doador? Faça uma doação extra.

DOE AGORA



A energia e presença dos nossos voluntários em todos os momentos

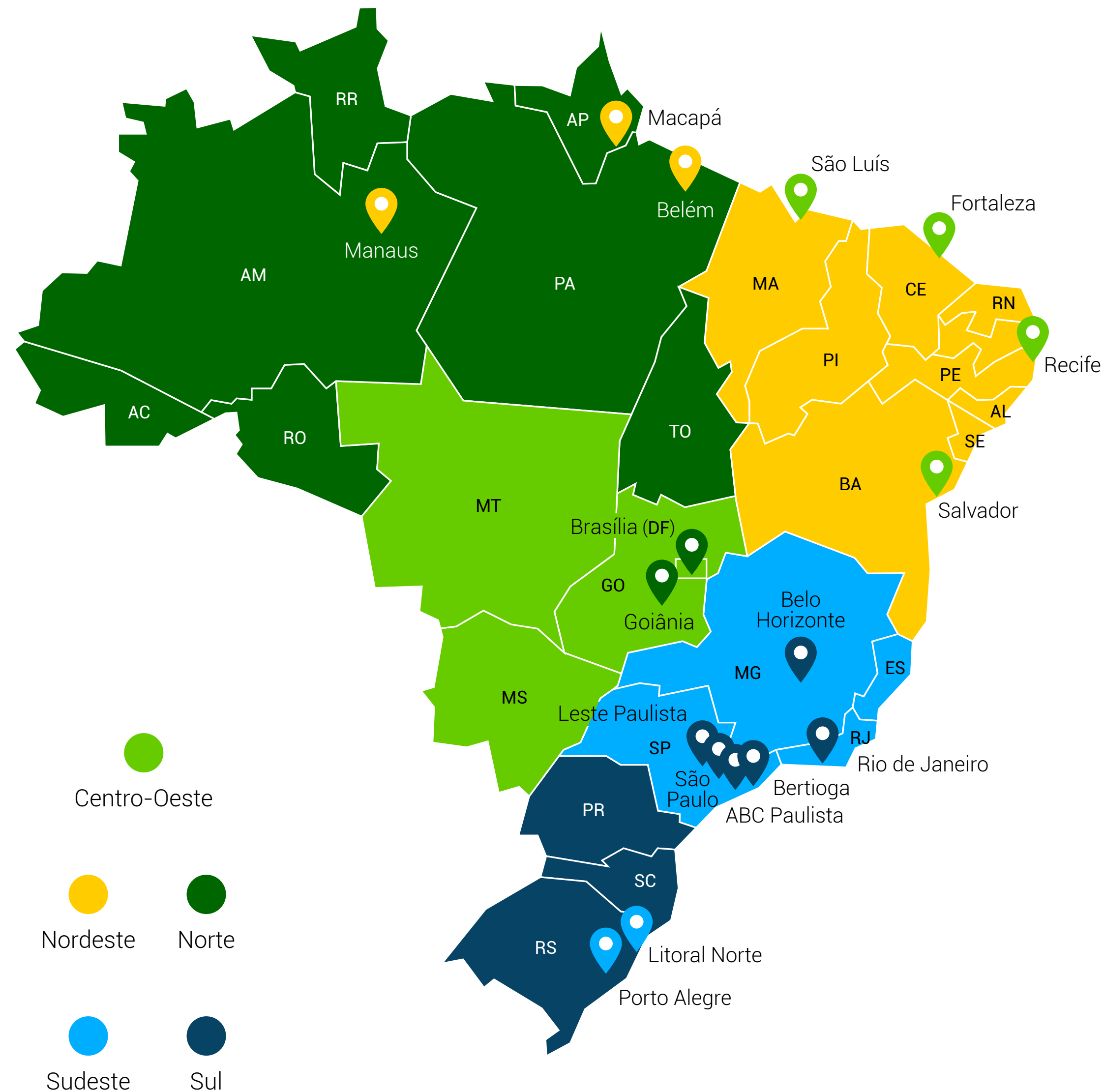
Se o ano de 2019 pode ser sintetizado em lama, fogo, óleo e veneno, também é verdade dizer que igualmente teve empatia, alegria, espírito de equipe, coragem e disposição para a mudança. Isso foi o que encontramos nas diversas ações realizadas pelos nossos voluntários. Ao longo de todo o ano, foram 890 atividades, entre limpezas de praças e praias, plantios de árvores, protestos pacíficos, palestras educativas, intervenções artísticas e os chamados *Pontos Verdes*, quando grupos vão às ruas divulgar nossas campanhas e projetos e mobilizar as pessoas. Somando todos esses eventos, foram mais de 20 mil horas trabalhadas.

#IssoÉAtivismo



Nosso voluntariado no Brasil

Em 2019, somamos **12 mil voluntários** cadastrados em todo o país, além de **17 grupos** organizados - dois novos oficializados em Bertioga (SP) e Goiânia (GO).



*"O voluntariado é algo que, se não tiver dedicação, amor e vocação para trabalhar, não precisa nem começar. Em 2019, assim como quase sempre, foi uma tarefa árdua. Houve entraves com órgãos públicos, muitas áreas da cidade precisando de atenção. De toda forma, mesmo que pareça pouco, orientar pessoas nos Pontos Verdes, doar nosso tempo em prol do meio ambiente sempre será satisfatório. Meio ambiente não é algo que está a quilômetros de distância. É na verdade nosso quintal, nossa varanda. Somos nós". **Jacqueline Tomaz**, 39, voluntária do novo grupo de Goiânia (GO).*



"Ter um grupo do Greenpeace em Bertioga dá a oportunidade de tratarmos das questões socioambientais delicadas desta região, que necessitam de táticas, técnicas e abordagens criativas e responsáveis. Elementos esses que a organização carrega consigo desde seu nascimento. É uma mistura de empolgação e força."
Raphael Roberto (25), voluntário do novo grupo de Bertioga (SP)





Além das atividades locais, os voluntários também participaram de mobilizações nacionais, como:

Solidariedade aos Povos Indígenas – em abril, em apoio à Mobilização Nacional Indígena (MNI) que aconteceu em Brasília (DF), nossos voluntários levaram às ruas de 18 cidades informações sobre a importância de proteger as florestas e os povos indígenas.

Dia Mundial das Abelhas – entre os dias 18 e 19 de maio, os voluntários realizaram ações em nove cidades das cinco regiões do Brasil, que contaram com coleta de assinaturas, oficinas de stencil e distribuição de mudas e sementes de flores que atraem abelhas, como lavanda, girassol e sálvia.

Semana Mundial Sem Carne – em São Paulo (SP) e Manaus (AM), os voluntários realizaram rodas de conversa sobre vegetarianismo e sua relação no combate ao desmatamento, divulgação de receitas, apresentações artísticas e, claro, degustação de comidinhas sem carne.

#TodosPelaAmazônia – os protestos contra o crescimento das queimadas na Amazônia, entre os dias 23 e 25 de agosto, reuniram milhares de pessoas em diferentes localidades. Nossos voluntários e voluntárias engrossaram as manifestações em 17 cidades do Brasil.

Luto Pela Amazônia – no Dia da Independência do Brasil, 7 de setembro, nossos voluntários



© Grupo de Voluntários / Leste Paulista - SP

se vestiram de preto na mobilização "Luto Pela Amazônia", com manifestações nas ruas contra a destruição da floresta, que se estenderam para as redes sociais.

World Cleanup Day (Dia Mundial da Limpeza) – milhares de pessoas de 169 países juntaram-se, em 21 de setembro, no maior mutirão de limpeza de ruas, rios, praças, praias e mangues do mundo. Nossos voluntários atuaram em 12 cidades, como São Luís (MA).

Greve Global pelo Clima – uma semana antes da grande mobilização, no dia 20 de setembro, nossos voluntários já se organizaram em parcerias

com diversos coletivos, como *Fridays For Future*, promovendo debates, rodas de conversa, oficinas de confecção de materiais e atividades de alerta para a urgência climática, como o protesto simbólico feito pelos voluntários do grupo de Bertioga (SP).

Limpeza do Óleo do Nordeste – com equipamentos de proteção individual (EPI) distribuídos pelo Greenpeace, nossos voluntários atuaram ativamente na limpeza de praias e mangues afetados pelo derramamento de óleo, especialmente em Fortaleza (CE), São Luís (MA), Recife (PE) e Salvador (BA), e também em manifestações que cobraram a responsabilidade dos governos em lidar com a situação.

*"A sensação causada pelo derramamento de óleo foi uma mistura de tristeza, indignação, desespero, mas também de esperança, pois vi a população empenhada em tirar o máximo possível daquela substância tóxica antes de a maré subir. Vi lágrimas, correria, mobilização de pessoas e ONGs. A dor que eu senti naquelas semanas era uma dor coletiva", relata **Joyce Farias**, 23, voluntária do grupo de Recife (PE).*





© Olho de Coruja / Greenpeace



VOCÊ VIU?

Greenwire se tornou o Conexão Verde

A plataforma online de mobilização dos voluntários do Greenpeace Brasil não só ganhou um novo nome em português, como também foi modernizada e repaginada, aprimorando a interação dos usuários a partir de uma maior velocidade de acesso e um design de rede social. O **Conexão Verde** foi lançado em novembro de 2019 e o convite de boas-vindas aos voluntários foi feito pela atriz Giulia Costa.



Assista ao vídeo



Saiba mais

Projeto Escola: educação ambiental para todas as idades

Em 2019, nossos voluntários e voluntárias levaram a educação ambiental para quase 10 mil pessoas em todo o Brasil. Foram 151 palestras para crianças, jovens e adultos, tanto em escolas como em associações comunitárias, tratando de temas como sustentabilidade, proteção dos oceanos, poluição de plásticos, mudanças climáticas, Amazônia e energias renováveis, entre outros. O grupo de voluntários de Porto Alegre (RS) foi o que mais levou a educação ambiental para diferentes lugares, com 88 palestras e 6.240 pessoas impactadas em várias cidades do Estado gaúcho. "Com o Projeto Escola, posso inspirar os jovens estudantes e o público em geral a serem mais conscientes para que eles saibam de suas responsabilidades com o meio ambiente", diz **Valdeci de Souza**, 62, um dos nossos palestrantes do grupo de voluntários de Porto Alegre (RS).





O Bugio: use sua voz pela mudança

O Bugio é a nossa plataforma de campanhas ambientais locais, para que qualquer pessoa se torne um agente de transformação na sua rua, escola, bairro ou mesmo cidade. Em 2019, foram mais de 200 campanhas criadas, que coletaram ao todo mais de 130.000 assinaturas. Uma taxa de conversão de 89,58% (161% maior que no ano passado).

A campanha pela proteção da Serra do Orobó (BA) conseguiu uma vitória e segue protegida da mineração. *"Queremos agradecer a todos que participaram, assinaram, compartilharam e de uma forma ou de outra abraçaram a causa!"*, diz **Vitor Pires de Oliveira**.

A campanha para salvar o rio Itapanhaú (SP) também teve destaque no ano e realizou uma grande mobilização em frente à CETESB-SP. Você pode conferir o vídeo da ação na página do Facebook **[Não à Transposição do Rio Itapanhaú](#)**, criada com os objetivos de chamar atenção para o problema e sensibilizar o corpo técnico, servidores e funcionários da agência.



Saiba mais

Banana-Terra: conectando meio ambiente e direitos humanos

O Projeto Banana-Terra é uma parceria entre os escritórios brasileiros da Anistia Internacional e do Greenpeace, que fomenta iniciativas de jovens ativistas em pautas relacionadas ao meio ambiente e aos direitos humanos.

Entre junho de 2018 e agosto de 2019, o Projeto forneceu *workshops* presenciais com ferramentas de ativismo, métodos para criação de projetos, técnicas para estimular pessoas a defenderem mudanças e procedimentos de segurança para 82 jovens ativistas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. E atualmente já impactou mais de 13 mil pessoas com iniciativas locais de conscientização socioambiental protagonizadas pelos jovens – de oficinas sobre políticas públicas de saúde e fortalecimento de comunidades rurais a suspensão de obras que contribuíram para

o aumento do desmatamento urbano – e mais de 80 atividades realizadas, como mutirões de restauração de patrimônio público, oficinas culturais e cinedebates), dentre elas o Projeto Escola, que leva a educação ambiental para escolas de todo o Brasil.

Todas as oficinas regionais já foram concluídas, mas os jovens ainda continuam atuando em suas regiões de forma independente, em parcerias com movimentos locais e por meio da rede de ativistas formada durante o Projeto.

O Banana-Terra continua existindo e incentivando o protagonismo juvenil. Essa parceria plural entre organizações e juventude mantém o legado do Projeto, que continua acontecendo pelo Brasil, espalhando a mensagem de proteção à natureza e à vida.



VOCÊ VIU?

Por meio do manual **Semeando o Poder: Um Guia Para Mudar o Mundo**, é possível que qualquer pessoa se torne um agente da mudança, causando impactos positivos na sociedade.



Saiba mais





Mobilização online

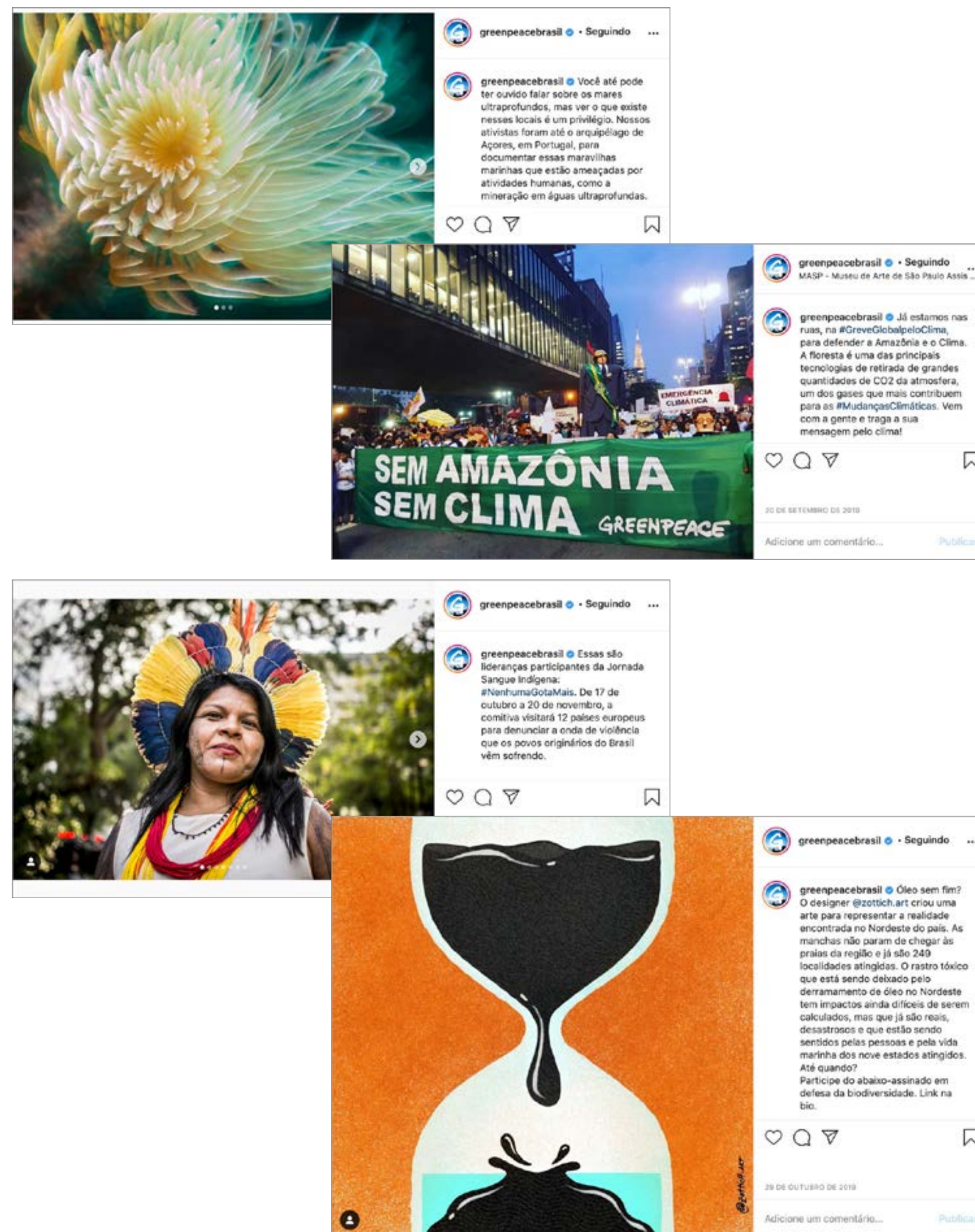
Os grandes acontecimentos ambientais do mundo real também repercutiram amplamente no mundo virtual. Tanto em nosso site quanto em nossas redes sociais, usamos nossos canais digitais para informar e engajar os diferentes públicos que nos acompanham, e essa interação aumentou significativamente.

Mobilização online

Nosso Instagram mais que dobrou de tamanho. Com 382 posts ao longo do ano, saltamos de 270 mil para 633 mil seguidores, um crescimento de 140%. Somente em setembro, quando estávamos expondo as queimadas na Amazônia, foram 100 mil novos seguidores. O Instagram se tornou o canal com maior engajamento para o Greenpeace Brasil. Cerca de 10% dos nossos seguidores interage com os nossos posts, curtindo ou comentando.

No Twitter e no Facebook, canais em que já temos um público consolidado – 2 milhões e 3,2 milhões de pessoas, respectivamente –, o engajamento também aumentou. No Facebook, ele subiu de 2,7% para 4,7%, enquanto no Twitter ele foi de 1,6% para 2,1%.

Nosso site, repaginado em 2018, tem se consolidado cada vez mais como uma importante referência de informações e atividades relacionadas às questões ambientais. Assuntos de grande repercussão no ano, como as queimadas recordes na Amazônia e o vazamento de óleo nas praias do Nordeste, aumentaram o volume de acesso. Até mesmo as declarações hostis do Governo Federal, com suas políticas de desmonte ambiental, contra a nossa atuação contribuíram para esse crescimento. As visualizações de páginas passaram de 2 milhões em 2018 para 2,7 milhões em 2019, um aumento de 35%. Além disso, nossos abaixo-assinados foram acessados mais de 3 milhões de vezes, superando a marca de 1 milhão de assinaturas somadas ao longo do ano.



Inteligência e estratégia nas redes

Desde outubro de 2019, como forma de orientar nossas estratégias de comunicação e engajamento no meio online, a Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (DAPP/FGV) tem prestado para o Greenpeace Brasil o serviço de monitoramento do debate ambiental nas redes sociais de uma forma geral, com análises da repercussão dos principais atores e temas a cada semana. Isso tem nos ajudado e elaborar melhor as estratégias de comunicação para os nossos diferentes públicos e canais.



Greenpeace na mídia

A imprensa foi, mais uma vez, uma grande aliada em 2019, ao dar visibilidade para nossos projetos e campanhas e ao repercutir as denúncias, tanto no Brasil quanto no mundo. Temas como o desastre de Brumadinho, a liberação recorde de agrotóxicos, as queimadas na Amazônia, o óleo no litoral brasileiro e os retrocessos promovidos pelo governo Bolsonaro nas políticas ambientais impulsionaram a presença recorde do Greenpeace Brasil na mídia nacional e internacional. Isso foi complementado pelo intenso trabalho de relacionamento com os jornalistas feito por nossa Assessoria de Imprensa e nossos porta-vozes. Os resultados de imprensa apresentaram um crescimento de 618% no Brasil e 511% internacionalmente. Com isso, o Greenpeace foi destaque na mídia e referência em diversos assuntos. Confira os resultados:



36.651 matérias publicadas



Matérias por campanhas/projetos

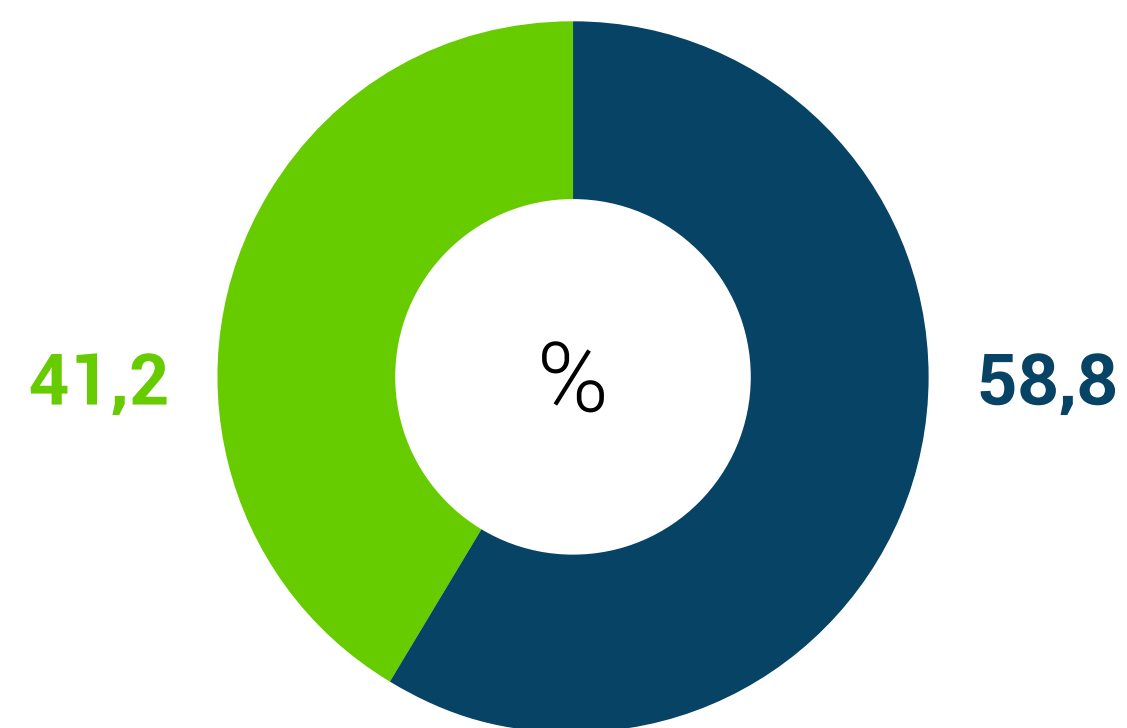
	Nacional	Internacional	Total
Agricultura e Alimentação	1.071	301	1.372
Amazônia	4.945	8.962	13.907
Clima e Energia	2.166	1.901	4.067
Políticas Públicas	3.004	1.123	4.127
Brumadinho	978	3.031	4.009
Óleo no Nordeste	3.684	664	4.348
Outros assuntos*	1.149	37	1.186
Internacional**	2.121	61	2.182
Voluntariado	164	0	164
Institucional	1.138	151	1.289
Total	20.420	16.231	36.651

*Água, reciclagem, plásticos, lixo eletrônico, outros biomas, sustentabilidade.

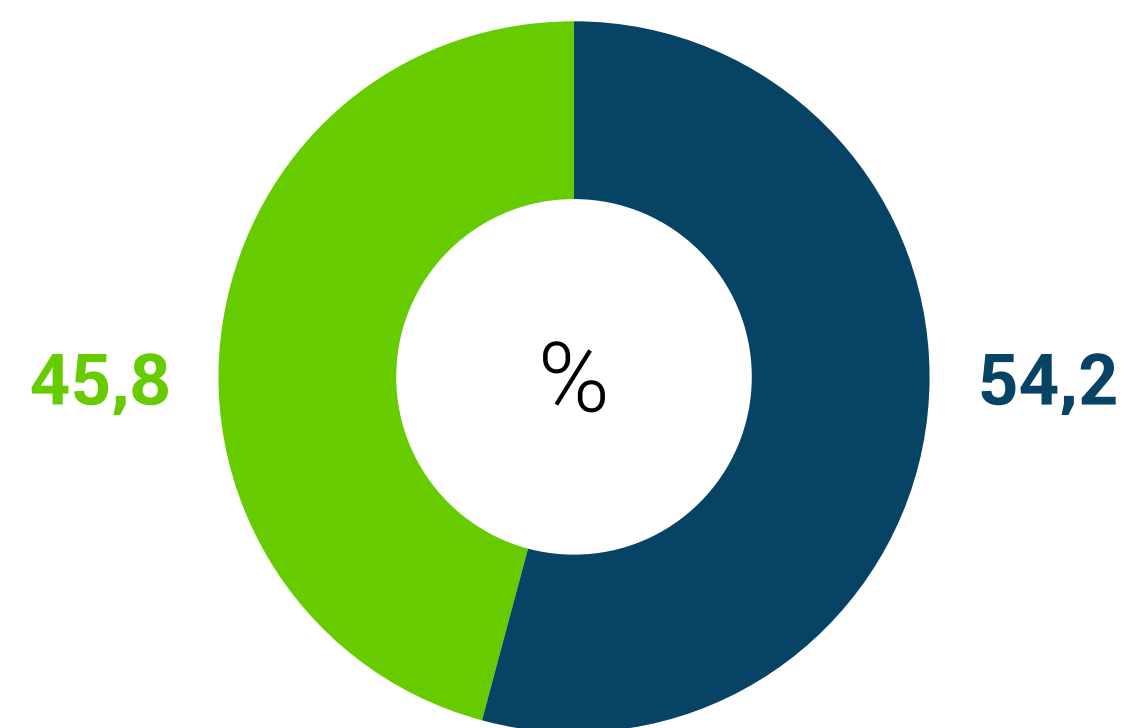
** Campanhas e projetos do Greenpeace em ou com outros países, como Antártida, caça às baleias, marcha pelo clima, óleo de palma, entre outros.



1.134 solicitações de imprensa



485 entrevistas concedidas



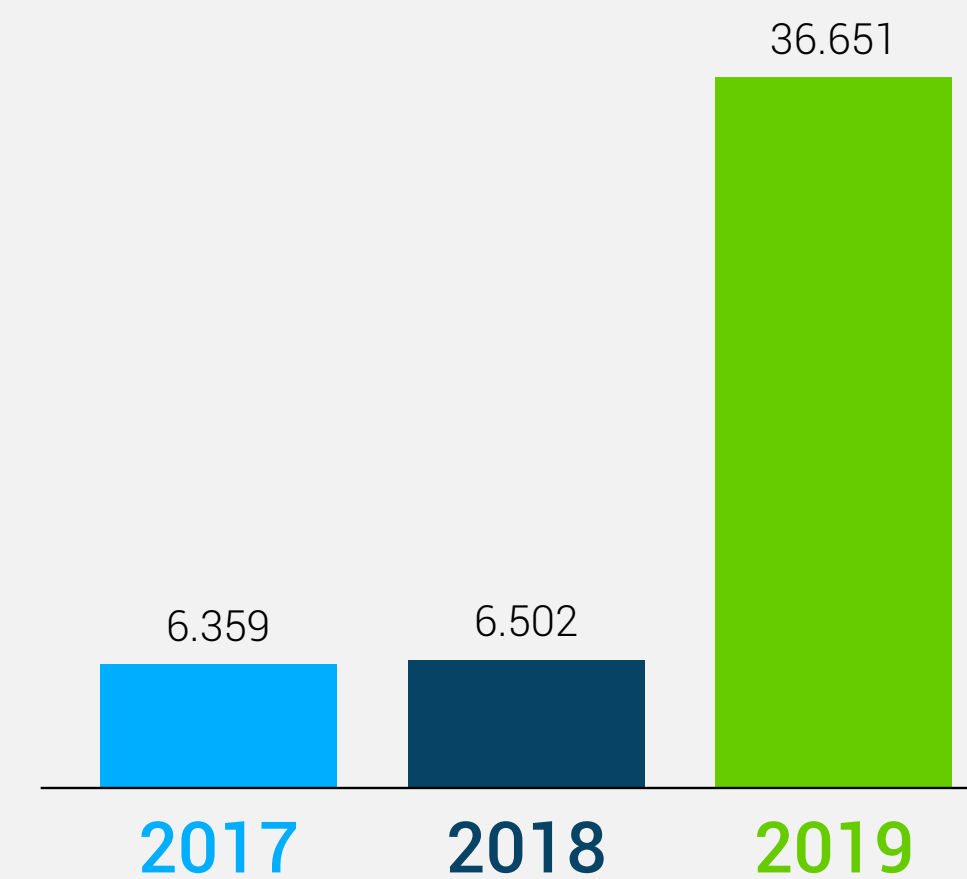
● Nacional
667

● Internacional
467

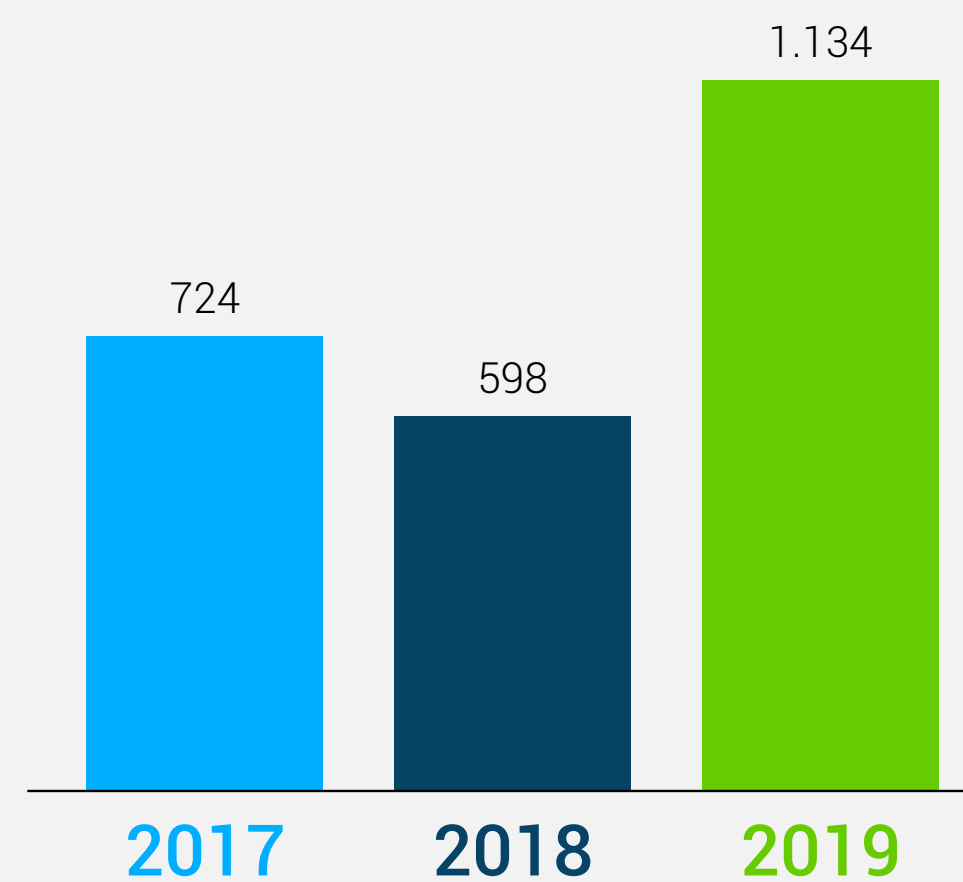
● Nacional
263

● Internacional
222

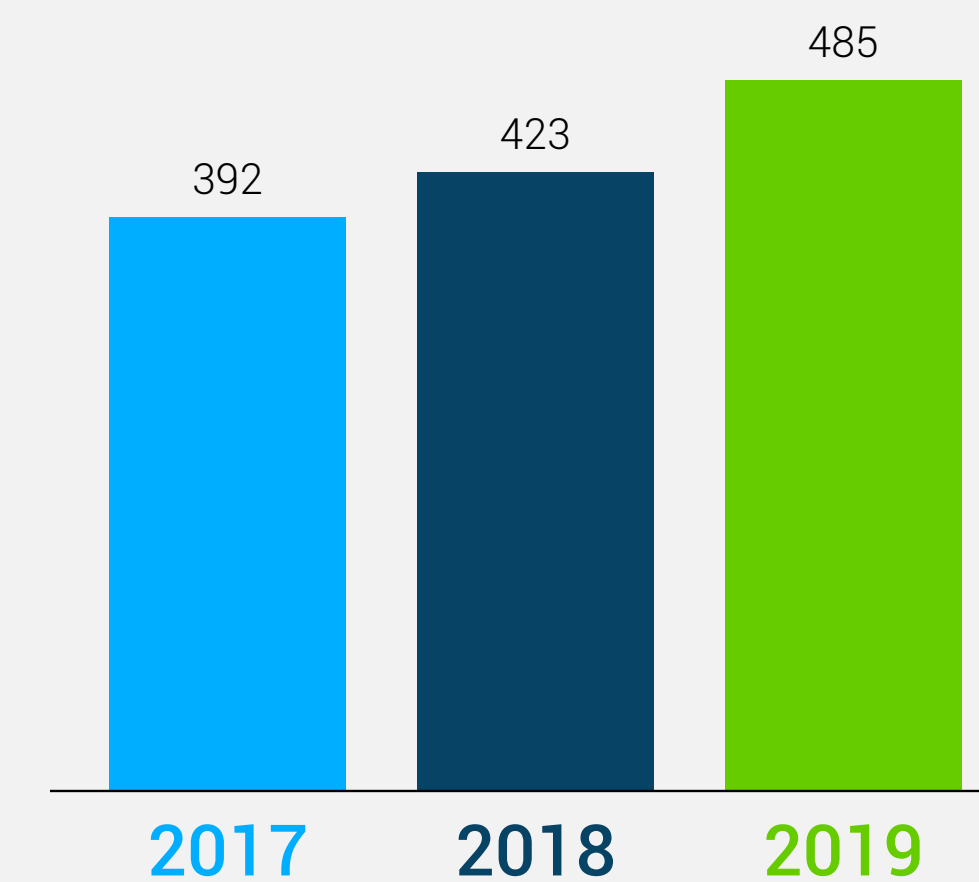
Total de matérias na imprensa nos últimos anos



Total de solicitações de imprensa



Total de entrevistas concedidas





Prestando contas

#Transparência

Parte do nosso compromisso é apresentar para a sociedade civil e apoiadores, de forma transparente, todos os gastos que realizamos ao longo do ano, para viabilizar nossos projetos de proteção do meio ambiente e da vida em nosso planeta.



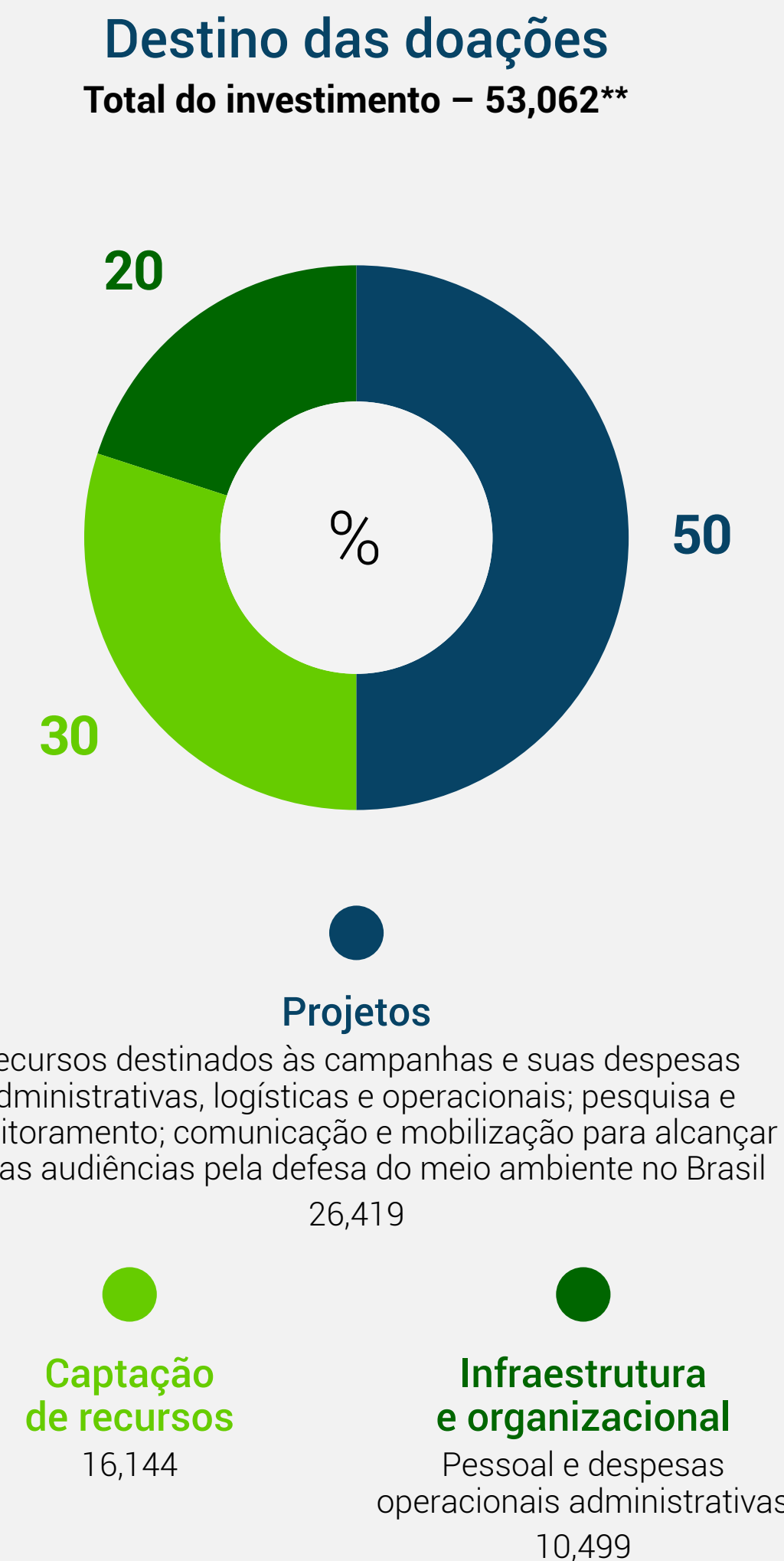
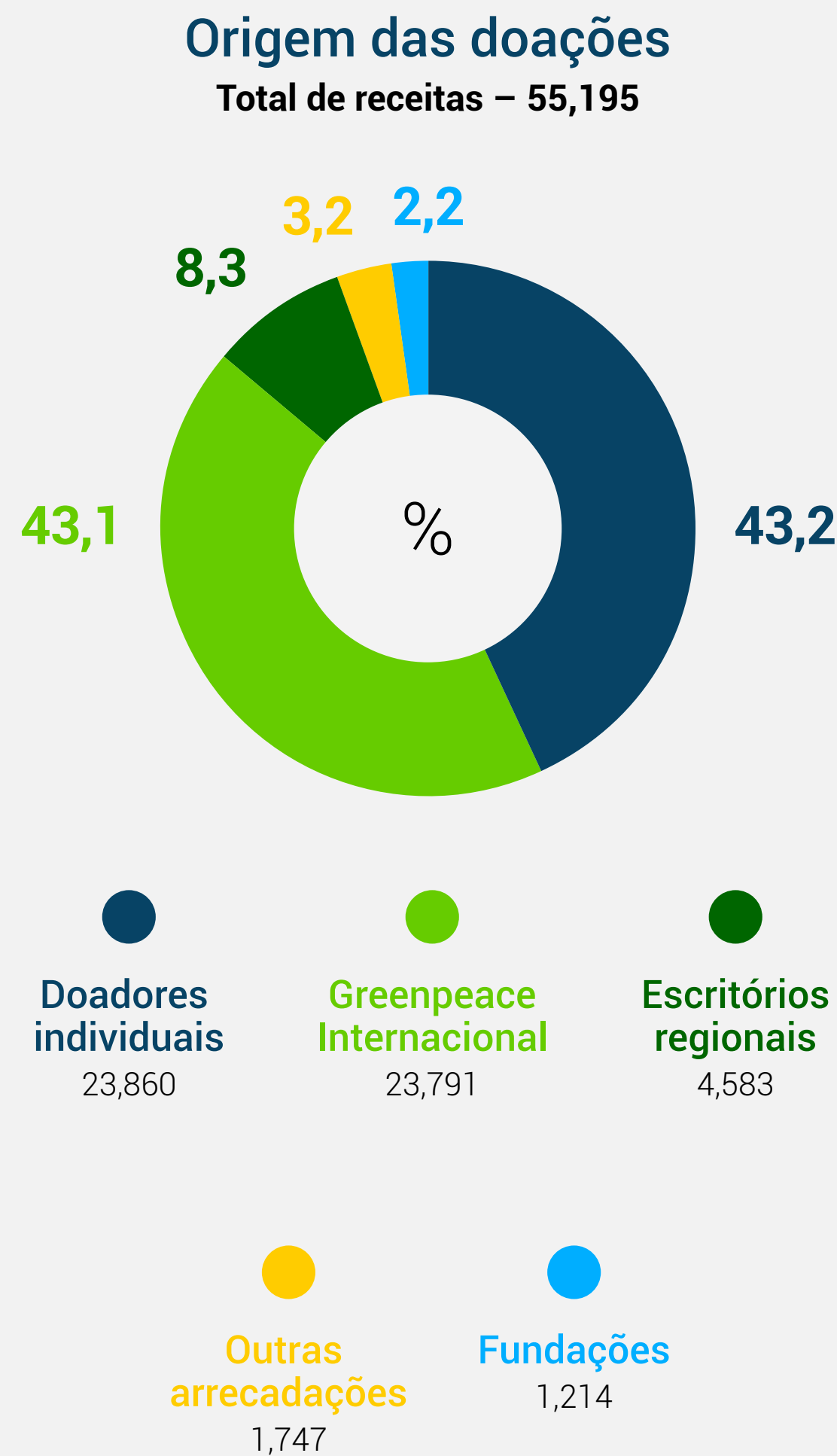
Em 2019, nossa receita total foi de 55,195 milhões de reais e nossos investimentos foram destinados a projetos e iniciativas para estimular, expandir e atingir mais pessoas para nossas campanhas em defesa da Amazônia, do combate às mudanças do clima e em respostas rápidas a situações emergenciais, como as tragédias de Brumadinho e do óleo no litoral brasileiro.

No Brasil e no mundo, o Greenpeace recebe recursos apenas de pessoas físicas para financiar suas atividades. Os repasses por parte do Greenpeace internacional são originados de doações de pessoas físicas em outros países onde a organização tem escritórios. É graças a esta política de financiamento que mantemos a nossa independência.

70% dos recursos do Greenpeace Brasil são investidos em projetos e estrutura, para viabilizar nossas atividades de investigação do meio ambiente, de denúncia da sua destruição e de mobilização da opinião pública.

30% são investidos em captação de novos recursos. É isso que nos permite divulgar a causa ambiental e manter a independência em relação a governos, partidos políticos ou empresas, pois somos mantidos por doadores pessoas físicas.

Acompanhe abaixo a distribuição e o destino dos recursos obtidos:*



*Em milhões de reais **A diferença de R\$ 2,133 milhões em relação à arrecadação total é destinada às reservas da organização.



Organizacional

#SomosGreenSomosPeace

A cada ano, nosso time de Pessoas e Cultura busca reforçar nosso compromisso de garantir o respeito, a confiança, a dignidade e o valor de cada pessoa. Em 2019, fomos um dos escritórios do Greenpeace a participar do **Projeto Global de Aquisição de Talentos**, avançando na consolidação de processos seletivos mais diversos, inclusivos, com mais valorização das pessoas por suas competências, tanto técnicas como comportamentais.



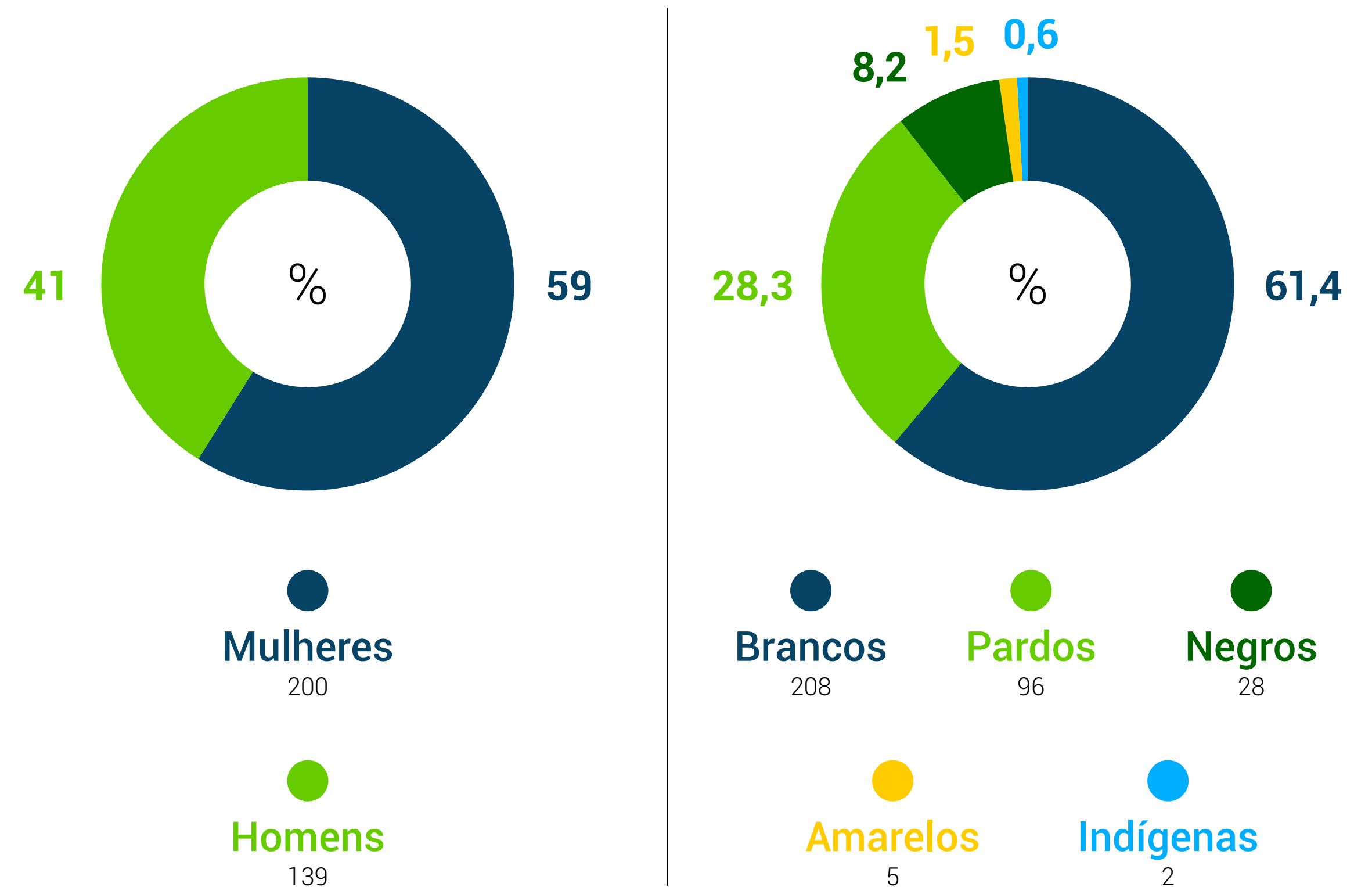
“Também iniciamos uma nova sistematização dos nossos processos internos, como adoção de prontuários digitalizados e assinatura eletrônica, e implementamos um novo sistema de Avaliação de Desempenho com novas ferramentas, otimizando rotinas e processos para focar no que é mais importante para nós: gestão, cuidado e desenvolvimento de pessoas”. **Gustavo Oliveira**, coordenador de Pessoas e Cultura



Continuamos nosso trabalho de fortalecer as comunidades e grupos expressivos, tais quais o Grupo de Mulheres e Diversidade e Inclusão, realizando encontros e ações de conscientização sobre protagonismo feminino, respeito à diversidade de pessoas, independente de idade, ascendência, cidadania, cor, deficiência, etnia, família ou estado civil, identidade ou expressão de gênero, nacionalidade, afiliação política, religião, sexo e orientação sexual, dentre outras.

Perfil dos funcionários do Greenpeace Brasil

Total em 2019: 339



Deficientes: 6

Estagiários: 4

Aprendizes: 8



Grupo Temático de Mulheres

Desde 2017, as mulheres do Greenpeace Brasil se organizam periodicamente para promover atividades, eventos e rodas de conversa sobre temas que permeiam a questão de gênero e o feminismo, mas sem se restringir a isso. O ano de 2019 foi marcado por vários encontros que contaram também com os homens da organização para troca de conhecimentos e reflexões.

No dia 8 de março, Dia das Mulheres, realizamos um cinedebate no escritório de São Paulo em torno do documentário "Chega de Fiu, Fiu", falando sobre o assédio em ambientes profissionais, domésticos e nos espaços públicos. Na sequência, o grupo se juntou à tradicional *Marcha das Mulheres*, que acontece todo ano.

Em maio, o cinedebate foi com a *rapper* paulistana Yzalú e as diretoras do curta-metragem que conta sua história, Inara Chayamiti e Mayra Maldjian. Yzalú, mulher negra, amputada, que cresceu na periferia de São Paulo, falou sobre feminismo, coragem, representatividade e sobre como lida com as injustiças e preconceitos. "*Eu pego a minha revolta e jogo no palco. Ali ela vira arte e amor. E o amor cura*", disse Yzalú.

Outras convidadas de nossos encontros foram a fotógrafa Bárbara Veiga, a jornalista ambiental e radialista Paulina Chamorro e catadoras de recicláveis do projeto *Pimp My Carroça*, que compartilharam conosco suas experiências e reflexões.



© Diego Baravelli / Greenpeace

Governança

O Greenpeace Brasil é uma associação civil sem fins lucrativos, brasileira, que possui estruturas de governança responsáveis por: estabelecer diretrizes e políticas institucionais, em respeito à Constituição Brasileira e em sintonia com o Greenpeace Internacional; monitorar o desempenho das atividades no Brasil; zelar pelos princípios e objetivos da organização; e fiscalizar a correta aplicação dos recursos, com integridade e transparência.



Assembleia Geral

A Assembleia Geral é o órgão soberano da Associação. Ela se reúne ordinariamente no primeiro semestre até o mês de abril de cada ano para aprovação de contas da Associação.

Compete à Assembleia Geral: aprovar as contas da Associação; decidir sobre a política e a forma de atuação da Associação; eleger, dentre os associados efetivos, aqueles que ocuparão os cargos do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal.

Conselho Diretor

O Conselho Diretor é eleito pela Assembleia Geral.

Compete a este órgão: a direção estratégica da Associação; assegurar a observância à legislação e seu Estatuto; contratar e demitir o Secretário Executivo; monitorar o desempenho do Secretário Executivo no estabelecimento das prioridades e no cumprimento dos objetivos estabelecidos; apreciar o orçamento e o plano de trabalho anual e qualquer modificação ao mesmo no decorrer do exercício fiscal; assegurar a observância aos regulamentos, diretrizes e prioridades internacionais pertinentes ao Greenpeace; criar comissões e nomear seus membros, fixando-lhes regimento e atribuições, observadas as disposições do Estatuto da Organização, e aprovar a admissão de novos associados efetivos.

Conselho Fiscal

O Conselho Fiscal é responsável pela fiscalização, direta e indireta, das atividades da Associação.

Compete ao Conselho Fiscal: fiscalizar os atos dos administradores e verificar o cumprimento dos seus deveres legais e estatutários; opinar sobre o relatório anual da administração, fazendo constar do seu parecer as informações complementares que julgar necessárias ou úteis à deliberação da assembleia geral; denunciar aos órgãos de administração e, se estes não tomarem as providências necessárias para a proteção dos interesses da Associação, à Assembleia Geral, os erros, fraudes ou crimes que descobrirem, e sugerir providências úteis à Associação; analisar o balancete e demais demonstrações financeiras elaboradas periodicamente pela Associação e examinar as demonstrações financeiras do exercício social e sobre elas opinar.

Secretaria Executiva

A Secretaria Executiva é o órgão executivo e administrativo da Associação e será formada pelo Secretário Executivo e membros da sua equipe.

Compete ao Secretário Executivo: assegurar a implementação das decisões do Conselho Diretor; coordenar as atividades da Associação; supervisionar e executar as funções administrativas, financeiras, orçamentais e de planejamento; contratar e demitir membros da equipe e exercer outras funções atribuídas pelo Conselho Diretor.

GREENPEACE

#Expediente

Relatório Anual 2019

Edição: Rodrigo Gerhardt

Edição Digital: Thiago André

Textos: Camila Doretto, Felipe Souza, Luana Lila, Mariana Campos, Patrícia Bonilha, Rosana Villar, Thais Herrero, Victor Bravo

Imagens: Adriano Machado, Alexis Rosenfeld, Axel Kirchhof, Bárbara Veiga, Caner Ozkan, Chico Batata, Chris J Ratcliffe, Christian Braga, Daniel Beltrá, Daniel Müller, Diego Baravelli, Fábio Nascimento, Fernanda Ligabue, Leo Otero, Marcos Amend, Marizilda Cruppe, Marten van Dijn, Matheus Alves, Midia Ninja, Nilmar Lage, Olho de Coruja, Olivier Bianchimani, Patrick Raynaud, Pierre Baelen, Renan Olivetti, Tuanne Fernandes, Valdemir Cunha, Victor Bravo, Victor Moriyama, Victor Varão

Arte e revisão: REPENSE